

AUTORES & LIVROS

1/3/942 SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mário
Ano II Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11
Nº. 7

Notícia sobre Stefan Zweig

O DESAPARECIMENTO de *pátria a que dedicara a derradeira de suas obras*. Stefan Zweig, nas circunstâncias em que se dá, põe outra nota de melancolia na paisagem espiritual do mundo moderno. Esse escritor universal — um dos mais ilustres do nosso tempo — encerrou a sua prodigiosa mensagem de homem e de escritor, com gesto que a história guardará, pelo seu significado humano.

Historiador, romancista, filósofo, biógrafo, ensaísta, Stefan Zweig mergulhou a fundo na alma do homem em tempos de seu tempo e do passado. Reconstruiu — através de observações repassadas de um largo teoritismo de emoção — os "momentos decisivos" da civilização ocidental, surpreendendo-a na plenitude de sua força e da sua corolo. Em outras horas, reconstruiu o itinerário de homens ilustres (testemunhas, poetas, romancistas), demonstrando sua percepção dos seus perrengues, das suas glórias, de suas humilhações e de suas grandezas. Em outros, Zweig trouxe livremente, no plano da ficção — história de almas e de corações que sua imaginação forjou. Deu-lhes, contudo, um sentido profundamente humano.

Quando a Áustria encumbrou os golos de ferro do intímigo socialista pelas ideologias da traição e do ódio, Zweig saiu do seu país, tornando-se um exilado permanente. Depois de ter percorrido vários países do mundo, refugiou-se no Brasil. Aqui estaria — como ele próprio confessou — a terra onde não existem os problemas que amarravam o seu espírito.

Perdeu aqui — onde todos encontraram liberdade e tranquilidade para reconstruir o mundo destruído pelo catácliso europeu — Zweig, consegue extinguir os sofrimentos e as impunidades que trouxe do mundo. Na carta que deixou, dando as razões de seu exílio, o grande escritor se retrou carinhosamente no Brasil.

pró, onde ainda se pode ser livre, hoje em dia...

Na segunda-feira passada, 23 de fevereiro, Stefan Zweig, recalcando seus sofrimentos infinitos, e já sem paciência para aguardar os tempos novos, a nova aurora, que entretanto, vislumbrava num próximo futuro, procurou num copo de veneno, a extrema consolação que lhe era possível ter — a consolação da morte.

Com ele suicidou-se também sua esposa, que foi em vida sua companheira dedicada, sua secretária e sua colaboradora cheia de desvelos.

Bibliografia de Stefan Zweig

E a seguinte a bibliografia de Stefan Zweig:

— "A visão do profeta";
— "Primeira experiência da vida" (quatro histórias de crianças);

— "Amok" (coleção de cinco novelas, entre as quais se conta "A carta de uma desconhecida");

— "Confissão dos Sentimentos";
— "Vinte e quatro horas da vida de uma mulher";

— "Os olhos do irmão eterno", "Angústia";

— "Poesias completas";
— "Jerônimos";

— "Teresites";
— "Volpone";

— "Legenda de uma vida";
— "Três mestres" (Balzac, Dickens, Dostoevsky);

— "A luta com o demônio" (Holderlin, Nietzsche, Kleist);

— "Três novelistas de sua própria vida" (Stendhal, Casanova, Tolstói);

— "A fantástica existência de Mary Baker Eddy";

— "Maria Antonieta";
— "Maria Stuart";

— "Josephine Fonchê";
— "Erasmo";

— "Fernão de Magalhães";
— "Américo Vesúcio";

— "Mesmer";
— "Freud";

— "Romain Rolland";
— "Momentos decisivos da Humanidade";

— "Oceano de um coração";
— "Segredos de amor";

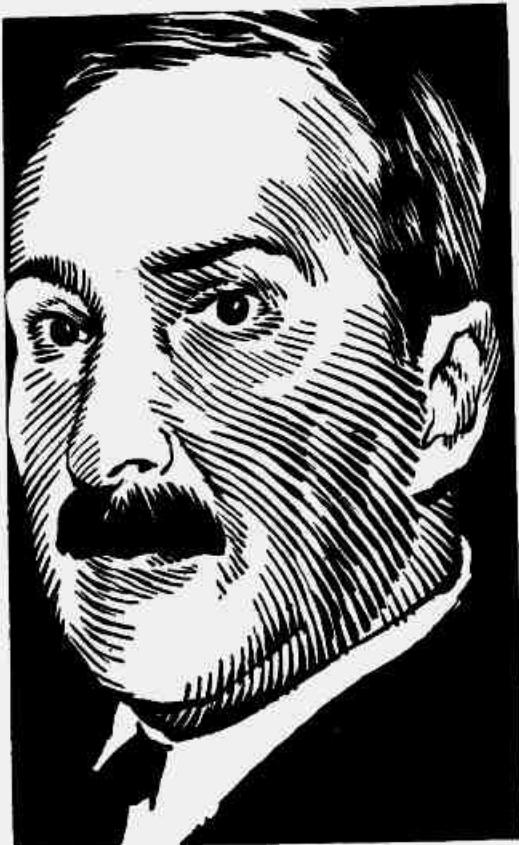
— "Kaleidoscópio";
— "O Medo";

— "Leporeli";
— "Encontros com Homens, Livros e Países";

— "Brasil, país do futuro";
— Biografias críticas de Verlaine, Verhaeren, Baudelaire, Albert Samain, Marcelina Debord des-Valmere.

Stefan Zweig deixou inédita uma auto-biografia, além de um esboço de livro sobre Balzac e de outros estudos, a que se encontraram esgatados quase todos os fascículos que formam o primeiro volume

tou em sua criação literária.



STEFAN ZWEIG

AOS LEITORES

As conveniências do momento não determinaram-nos a trinácia política ou sociológica, mas um domingo de cada vez para o nosso suplemento panamericano. Assim, no domingo passado, já os leitores de tua a ler, em lugar de AUTORES E LIVROS, PENSAMENTO DA AMÉRICA, o suplemento que, com tanto brilho, dirige o nosso ilustre compatriota Ribeiro Couto.

PENSAMENTO DA AMÉRICA constituirá, como AUTORES E LIVROS, uma publicação contínua. A numeração de suas páginas será seguida, por seis meses ou um ano, aparecendo ao final de cada período desses um índice geral.

Abrangendo número considerável de estudos, ensaios, de AUTORES E LIVROS, sou em sua criação literária.

SUMÁRIO

PÁGINA 97 :

— Notícia sobre Stefan Zweig.
— As leituras.
— Bibliografia de Stefan Zweig.
— Sumário.

PÁGINA 105 :

— Os últimos documentos escritos por Stefan Zweig.
— Só a memória resiste ao esquecimento, de Stefan Zweig.

PÁGINAS 106 e 107 :

— O problema torturante do Deus, de Stefan Zweig.

PÁGINA 107 :

— Stefan Zweig, na specciação de Romain Rolland.

PÁGINA 108 :

— Encanto da noite, de Stefan Zweig.
— Mundos diversos, vidas de versos, de Stefan Zweig.

PÁGINA 109 :

— A última declaração de Stefan Zweig (fac-simile).
— Stefan Zweig, dramaturgo.
— A Utopia do Projeto. — (Primeiro quadro).

PÁGINA 110 :

— As mãos do jogador, de Stefan Zweig.
— A técnica da psicanálise, de Stefan Zweig.

PÁGINA 111 :

— Elegições da Academia.
— A vida é de cabeça baixa, de Alvaro Moreira.

PÁGINA 112 :

— Opiniões sobre Stefan Zweig. Opinião de Edmund Jaloux.

PÁGINA 113 :

— Pequena novela de verão, de Stefan Zweig.
— Galeria de nomes ilustres.

HOMENAGEM A STEFAN

Sessão pública de 25 de agosto de 1936.

1

PALAVRAS DO PRESIDENTE, LAUDELINO FREIRE

A Stefan Zweig consagra a Academia Brasileira esta sessão especial.

Nela, de certo, sentirá o escritor austriaco o quanto é admirado pelos acadêmicos brasileiros, todos aqui reunidos em homenagem ao fúgor do seu extraordinário espírito.

Daqui a momentos estarei a ouvir-lhe a palavra, e não vos despercebeis que ideia ouvir a um desses homens diante dos quais, nos países cultos, todos com admiração se descobrem à sua passagem.

Tornou-se grande em sua pátria, ainda maior no seu continente, para, pela eminência das suas letras e maravilhosas da sua pena, fazer-se monumento e luxo da literatura universal.

Ao prodigioso escritor, cujo bossor nome, saudaria o sr. Mário Leão, a quem dou a palavra.

II

DISCURSO DE MARIO LEAO

Br. Stefan Zweig.

Aquela vossa grande sede de viajar, de ver sempre terras novas, de estar sempre em contacto com a alma de novas gerações, aquela grande sede vos trouxe agora ao continente sul-americano.

Esse desejo de percorrer o mundo, de sentir de perto a alma de todos os povos, tem sido uma das características de vosso gênio. E' o elemento mordial, talvez, de vossa arte. Viajante sem fadiga, não vos arrecaide das distâncias nem das idades. Vossos olhos penetraram, figurando de uma ou- andia constante, tanto nos mistérios das cidades civilizadas, quanto nos mistérios das selvas onde somente as feras habitam. Sombria as comédias que se desenrolam nos arranha-céus das modernas Babilônias e os dramas que se desenrolam, mas solidões, inesperadas do tro- pico, onde o vosso Amok viveu e sofreu. Vossos olhos penetraram os desvãos obscuros dos tempos. Contemplaram o que ocorre hoje ao vosso lado, o que ocorreu ontem, o que ocorreu numa hora que foi cheia de prodígios, quando Erasmo criou o Humanismo, quando Túro traçou um novo rumo aos destinos do homem, com o maravilhoso surto espiritual da Reforma.

Realmente, o gosto pelas vi-

gens tem sido a vossa paixão mais constante. Criança e adolescente, deixavais o lar, para ir, ora sozinho, ora em companhia de vossa pái, contemplar as paisagens variadas do mundo. E quanta coisa sugestiva achavais! A Provence e a Espanha vos sorriam. Os Estados Unidos, Cuba, o México vos acolheram. A Índia, o Céleste, a China, o Egito deram satisfação às vossas imensas curiosidades. Países exóticos, terras cheias de segredos, regiões propícias às lendas, cidades opulentas e aéreas deslumbrantes, tudo isso, um dia, viu passar o viajor tranquilo. Tudo isso viu um dia passar aquele que sempre levava no coração um grande desejo de simpatia para as coisas.

E, nessas viagens, quanta vez encontrasteis seres que tinham a alma semelhante à vossa, um pensamento, uma sensibilidade, capazes de vibrarem em uníssono convosco! Em Florença encontrastes Ellen Key, e da amizade que a ela vos uniu existe depoimento expressivo, na comovida dedicatória de um dos vossos livros. Em Paris, onde vivestes durante um ano, tivestes a amizade de Jules Romain de Vildrac, de Duhamel. Em uma de vossas viagens, — estavais, então, na Bélgica, donde tindeste ido em visita ao vosso grande amigo Verhaeren — uma notícia dolorosa vos surpreendeu. Era a mais absurda das notícias que poderiam carregar sobre o vosso espírito de cidadão de todas as pátrias: havia rompido a guerra europeia!

Vosso país precisava de todos os braços valentes. E eis que vos, sr. Stefan Zweig, vós, que amais concientemente a paz, vós, que amais a amizade sobre todas as coisas, tivestes que ser mobilizado. Durante três anos, estivestes sob as armas. O destino vosso amigó, teve uma gentileza extremamente que não chegasse a humilhação máxima de ir para os campos de batalha. Enfim, obtivestes uma licença de dois meses. Partisteis para a Suíça. Ali chegando, encontrastes Romain Rolland, o herói solitário, o maior portavoz, de todos os heróis da calamidade de 1914, o homem que ilha da razão, perdida num oceano de loucos — clamava incessantemente pelos direitos da Humanidade, protestava sem descanço contra a monstruosa, truvidora ambição dos governantes dos povos. Juntamente com Romain Rolland e alguns outros escritores refugiados na Suíça, formastes aquele grupo de homens livres, que souberam defender contra a guerra a unidade espiritual da Europa. "Ali não seria muito, se não a liberdade", dizem vossas ressals a acompanhar de outros

próprias palavras — uns quantos escritores europeus, sentados à mesma mesa, enquanto perto de nós cento e vinte milhares de homens faziam a guerra uns aos outros".

Fosteis um dos incansáveis defensores da comunidade intelectual da Europa e da grande amizade do espírito, que desdenhava fronteiras.

Esse momento heroico de vossa vida de homem livre no espírito bastaria para indicar uma das peculiaridades mais nítidas do vosso gênio: a sua universalidade.

Sóis um cidadão do Universo, sr. Stefan Zweig.

Ereis ainda adolescente, e já traduzis para o vosso idioma os poemas de Verlaine, os de Baudelaire, os de Samain, os de Marcelline Desbordes-Valmore. Já então vulgarizavais em notáveis traduções a obra tentacular de Emilio Verhaeren.

A esse tempo leis, criando, também, a vossa obra de poeta, de dramaturgo, de novelista, de crítico e de biógrafo.

Como crítico, como biógrafo, tendes ido a todos os países. A gélida Rússia vos surpreendeu ao lado dos seus dois gigantes magníficos, Tolstoi e Dostoiéwski. A fleugmática Inglaterra vos encontrou caminhando em companhia de Dickens. A Alemanha, cheia de nebulosas tormentas filosóficas, vos viu de braço com Frederic Nietzsche e com Kleist. A Itália, terra de sedução e de voluptuosa, vos acompanhou no giro com o enigmático Casanova. A Holanda vos teve sentado à mesa de Brásimo. A França vos testemunhou à mesa de Stendhal.

Curiosidade jamais satisfeita, a vossa! E curiosidade de homem paciente, de homem sábio, de homem que não só aliares do mundo apenas para observar as paisagens, nem para contemplar somente as multidões imprevisíveis.

Sóis, ao contrário, um incansável frequentador de bibliotecas e de arquivos. E à vossa urgência, tanta vez exercitada nas visitas que fazes aos arquivos e às bibliotecas, deve hoje a cultura europeia o conhecimento de documentos preciosos. Com o auxílio que esses documentos vos tem prestado, traçasteis muitas biografias admiráveis. Em algumas delas chegais a reformar totalmente a ideia que tínhamos de certos fatos e de certas coisas. Não raro — como, por exemplo, no estudo sobre Mesmer — procedias a verdadeiras revisões no quadro da história oficial.

A vossa curiosidade, porém, ignorada menina dos seus

dons espirituais, ainda mais lhos. Pelo menos, tendes para elas a mesma misericórdia que tendes para as crianças. Inspirado pela agonia dolorosa de um velho, escrevestes aquela página banhada de tanta piedade — *A Destruição de um Tucano*.

Se a infância, se a senectude vos despertam tais sentimentos, também vos despertam caridade e simpatia todas as demais séries humanas. Em 24 horas da vida de uma mulher fazes o estudo de um homem que se deixara dominar até o extremo pela abominável paixão do jogo. Em *Confissões dos sentimentos*, fixas um desvio psicofisiológico muito importante.

Que dizer desses tipos que traçais, às vezes com a pena tão leve que mal parece querer esboçá-los, e que entretanto encarão eternos, na memória de todos que uma vez os viram em vossos livros?

Ali, esta *Crescendo Finkenhauer*, a desgraçada Leporella, a pobre criada do jovem barão de P. Dedicada até o assassinato e ao suicídio, ela é seu como um demônio. Em tudo, é misteriosa, incomprendida, surda.

Adiante, aparecerão o desventurado Herbert, o vellido cego. Grande colecionador de raridades, ele acumulava, durante os longos dias de sua vida, um tesouro. Veio, porém, a crise da inflação alemã. E premiu pelas necessidades de dinheiro, a família do velho, lentamente se forçou desfazendo de toda aquela fortuna, reunida com tanta dificuldade. Agora, ignorando a sua desventura, espoliado, ele tomava, entre os tremelhos dedos, pedacinhos de papel sem nenhum valor, e imaginava acariciar gravuras divinas de Dürer e Rembrandt.

Mais longe, surge-nos a figura patética de Jacob Mendel. Era um maravilhoso conhecedor de assuntos de bibliografia. Era, como dizem, "um fenômeno único de memória, um dicionário, um catálogo universal sobre duas pernas". Esse pobre diabo viu-se perseguido, durante a guerra, porque, preocupado unicamente com a sua maria das livros, ignorava que a Áustria estivesse em luta com a Inglaterra e com a Rússia. De sua feita ouviu declarar às autoridades austriacas a sua qualidade de cidadão russo. E, nessa, imaginou, siquer, que devia suspender a sua correspondência com os bibliófilos ingleses e franceses.

Mais adiante, identificareis aquela curiosa figura do barão de castelo, val, cada noite, amar a ignorada menina dos seus amigos. Estimais, igualmente, os ve- rigosa, pastasteis todo um



Em 25 de agosto de 1936, Stefan Zweig foi recebido na Academia Brasileira de Letras, numa das tardes mais memoráveis da instituição. O cliché acima nos apresenta o escritor austriaco, sentado à direita de Laudelino Freire e à esquerda de Otávio Mangabeira, que era presidente e secretário geral da casa. Compõem a mesa os sr. Ministro Osório de Almeida e A. Autrepéssio, que estão sentados ao lado de Laudelino Freire. Também aparecem na fotografia, sentados à mesa, dois representantes diplomáticos da Áustria no Brasil. Stefan Zweig ouve atentamente a audiência que lhe é dirigida, em nome da Academia, pelo acadêmico designado para essa tarefa.

ZWEIG, NA ACADEMIA

de Paris... para, no fim, quase ser a vítima dos agentes de fedor das tramas.

E finalmente — imagem ente vidas humana e dolorosa — encontra-nos aquele miserável da Raxinha no lar. Tão miserável e ele que nem lhe deu nome... Talvez para melhor significar que ele é somente isso: — um homem. Lembra-vos bem dessa pequenina obra-prima? O acaso vos levava a um porto francês de segunda ordem, e tinheis perdi o trem que vos ia conduzir à Alemanha. Como vos acostreis à atmosfera torpida do hotel, saíste a perambular pela cidade. Entrastes em uma casa, enfiasteis por outra, querendo fugir ao turbilhão dos bairros populosos. Deviés estar presto do porto, no quarto de marinhos. Chegastes à frente de uma casa, cujas portas estavam cobertas de inacessíveis e anuncios. Uma voz de mulher soava lá dentro, cantando, em alemão, uma aria de Freischütz. Atraiado pela voz, quis entrar na casa, quando os vassos olhos surgiu, viva, alugava casa da sombra. Era um homem, era a forma de um homem. Entrastes no cabaré, tecesteis uma das mesas, encomendastes uma cerveja. Iais começar a beber, quando uma gargalhada explodiu nos lábios da mulher que havia cantado. Percebestes que essa gargalhada se dirigia a alguém que acava de entrar. E a voz da mulher fala asperamente:

E tu, ainda? Ainda te arrastas em torno da casa, velho gatuno? Vamos! Podes entrar! Eu não farei contra ti.

Com o olhar cheio de humildade, o homem parou. Rucava o chapéu na mão, sem saber o que dizesse. A mulher ordenou-lhe que se sentasse a uma das mesas e tomasse "champagne".

Foi então que, pela primeira vez, pudeste observá-la à claridade da lâmpada. Era um rosto desvanecido, enraizado e pálido, eram suas cabeças rudas num encontro ossudo — "era uma miséria de homem".

Enquanto bebias a sua cerveja, assististe à vossa humilhação impunha ao início pela mulher das artes. Enfim, cansado de ver tanta torpeza, saíste para o ar livre. A pretexto de indicar-vos o caminho do hotel, o homem humilhado saiu convosco. E agora, na solidão da noite, ele vos fez a confidência de sua vida dolorosa:

"Aquela mulher... com efeito é minha mulher... Há cinco anos... há quatro anos... em Gérardmer, onde tenho minha fumaria... Não quer, meu senhor, que pense mal dela... a culpa é minha se ela está como está... nem sempre ela foi assim... eu a aterrorizei... a quase embora fosse tão pobre... ela não tinha nem roupa branca... nada... absolutamente nada... e eu sou rico... isto é, tento para viver... não riqueza propriamente... pelo menos tento outra... Eu era talvez — ele tem razão — econômico... mas era antigo, meu senhor, antes da desgraça... e eu maldigo a minha econômia... Mas meu pai era assim e minha mãe... todos eram assim... e cada vintém me custava um esforço duro. Quando a ela era leviana, e embora pobre, gostava das colinas hostis... Eu sempre a censurava por isso... Não devia ter feito, agora o sei, meu senhor, porque ela é orgulhosa, muito orgulhosa... E' preciso não quer que ela seja aquilo que se faz para... é mentira, e ela se faz tanto mal a si mesma... simplesmente... simplesmente para me fazer mal, para me torturar... e... porque... porque tem vergonha... Talvez se tenha tornado má... mas eu não creio... Porque, meu senhor, ela era boa, muito boa..."

E o vosso desventurado companheiro de acaso vos narra a

história de uma desdita sanguinária e a vítima dos agentes de fedor das tramas.

E finalmente — imagem ente vidas humana e dolorosa — encontra-nos aquele miserável da Raxinha no lar. Tão miserável e ele que nem lhe deu nome... Talvez para melhor significar que ele é somente isso: — um homem. Lembra-vos bem dessa pequenina obra-prima? O acaso vos levava a um porto francês de segunda ordem, e tinheis perdi o trem que vos ia conduzir à Alemanha. Como vos acostreis à atmosfera torpida do hotel, saíste a perambular pela cidade. Entrastes em uma casa, enfiasteis por outra, querendo fugir ao turbilhão dos bairros populosos. Deviés estar presto do porto, no quarto de marinhos. Chegastes à frente de uma casa, cujas portas estavam cobertas de inacessíveis e anuncios. Uma voz de mulher soava lá dentro, cantando, em alemão, uma aria de Freischütz. Atraiado pela voz, quis entrar na casa, quando os vassos olhos surgiu, viva, alugava casa da sombra. Era um homem, era a forma de um homem. Entrastes no cabaré, tecesteis uma das mesas, encomendastes uma cerveja. Iais começar a beber, quando uma gargalhada explodiu nos lábios da mulher que havia cantado. Percebestes que essa gargalhada se dirigia a alguém que acava de entrar. E a voz da mulher fala asperamente:

"E agora eu não irei daqui sem ela... Depois de longos meses a encontrei... Ela me martiriza, mas eu não a deixarei... Eu lhe imploro, meu senhor, fale com ela... E' preciso que ela volte a ser minha... diga-lhe isso... A mim ela não quer escutar... Eu não posso mais viver assim... Não posso mais ver os homens que vão procura-la... e esperar a hora que eles saiam... bebedes e cantando canções alegres... Toda a rua já me conhece... Riem de mim quando me veem esperando... Eu fico louco com isso... Entretanto cada noite volto lá... Meu senhor, eu lhe peço pelo amor de Deus: fale com ela... Embora eu não o conheça, peço-lhe pelo amor de Deus, fale com ela..."

Eis ai uma bem triste personificação da infinita miséria do amor.

Sim: são amargos, são dolorosos os vossos tipos. E as vezes cada um deles assume aos nossos olhos a significação trágica de um símbolo.

Esa é a humanidade, convulsa e sofredora, dos vossos romances, dos vossos contos. Esa é a humanidade que põe o mundo tragicamente complexo de vossa fantasia.

A humanidade que idea buscar na História Universal não é menos convulsa, nem menos sofredora. As duas mulheres que mereceram as mais carinhosas das vossas pesquisas, Maria Antonieta e Maria Stuart, são assimiladas pela crueldade das sortes. Belas e amadas, ambas sorriram por um momento, ambas por um momento hauriram de sua vida a taça dos incomparáveis prazeres. Eles que a fatalidade pesou sobre elas sem misericórdia! Tiveram ambas que entregar ao sarcofago o pescoço que um dia haviam adornado colares de pedras resplandentes, o pescoço que outros amantes haviam enlaçado com os braços febris. Uma das, a rainha da França, saiu dos esplendores de Viena e de Varsóvia para a guilhotina. Na morte somente foram suas companheiras a pobreza, o abandono, uma atração miserável, que encerrou de horror a mais desventurada das mendigos. A outra, a amorosa e encantadora Stuart, a inflamada rainha da Escócia, teve a cabeça, que outrora os poetas haviam cantado com tanto deslumbramento, trucidada pelo gume de um machado.

O destino de Joseph Fouqué é, da mesma forma, contraditório: é, pelo menos, é também um destino muito singular. Na vida desse ministro de Bonaparte havia lampojos de extrema desventura e glória extrema. Ele vivera da mais alta prosperidade à miséria mais triste. Essa variação de aspectos é o que vos atrai na existência do homem entre todos flemáticos que soube vencer Robespierre, do homem entre todos astromentários, entre todos os misterios que nos aterrorizam.

Vede Dostoevsky. E' o homem que, segundo dizela, "maior número de terras desconhecidas descorriam nas almas". E' o homem para quem "o incomensurável e o infinito eram tão necessários como a própria terra". Como no-lo tornais compreensível, no definires o seu ambiente de mistério, de nebulosidade, de astromentação? Como o tornais acessível ao vosso entendimento, quando o ou talvez por causa disso —



Stefan Zweig, numa fotografia tirada em Salvador, em 19 de janeiro de 1941, por ocasião de sua visita à Bahia

trazais, assim, a linha de contacto desses dois temperamentos e dessas duas almas. E as observações que fazes nesse paralelo, provam a vossa argúcia, na análise política. Vossa obra é abundante em idênticos paralelos. E', aqui, a comparação de Fouché com Robespierre. E', ali, a comparação outra vez de Fouché com Talleyrand. E', depois, a comparação de Dostoevsky com Madame de Barry, a de Luís XV, rei de França, com Maria Teresa, imperatriz da Áustria. E', enfim, a comparação entre todas suas gestas — a comparação da ardente Maria Stuart com aquele áspero virago que foi Elisabeth da Inglaterra. Essa arte de encontrar as afinidades e as oposições nos temperamentos históricos serve para melhor fixar os nossos olhos certos angúlhos das fisionomias que contemplamos.

Não são somente as grandes figuras da ação, os vultos que se movem no primeiro plano da existência dos povos, que merecem as vossas atenções de biógrafo. Vosso olhar se compreza em descobrir os segredos de todas as almas. Vosso gênio, que se deixa seduzir pelas perspectivas dos grandes painéis históricos, que gosta de movimentar as largas massas revolucionárias, delicia-se, também, na evocação das existências que decorreram modestas, dedicadas somente ao estudo e à meditação. Vossos ensaios de crítica constituem retratos definitivos. Sabeis longamente amar os espíritos, quando eles são numerosos, difíceis, densos ou complexos. Sabeis penetrar-lhos facilmente, quando eles se chamam Dostoevsky e Nietzsche, Tolstói, Balzac e Freud, Erasmo, Stendhal, Casanova e Holderlin, Dickens e Mesmer.

Que maravilhosa e curiosa é a inteligência humana representada numa análise feita em vossa obra de crítico! Se tentássemos fazer essa excursão, acabaríamos por decifrar muitos misterios que nos aterrorizam.

Vede Dostoevsky. E' o homem que, segundo dizela, "maior número de terras desconhecidas descorriam nas almas". E' o homem para quem "o incomensurável e o infinito eram tão necessários como a própria terra". Como no-lo tornais compreensível, no definires o seu ambiente de mistério, de nebulosidade, de astromentação? Como o tornais acessível ao vosso entendimento, quando o ou talvez por causa disso —

Vede Stendhal. E' a personalidade fascinante entre todas. Plagiário, frascati, cínico, ele se deixa na mentira e na simulação. Seu prazer consiste em contar anedotas apimentadas as damas austeras. Stendhal é, sem embargo disso —

(Continua na página seguinte)

Homenagem a Stefan Zweig, na Academia

(Continuação da página anterior)

de um dos predícios que se fizeram de avançadas, e que, quando um dia, naquela literatura, eu disse com que exortava a de invadir as seitas religiosas da terra. E os oprimidos, com admiração espremida para a figura de Zweig, o destinado explorador, que perdure no mistério das brasilianas.

Que reino podem ter, em todo o espírito, essas miragens, essas quadras, essas aspectos brasileiros? Filho da harmoniosa Viena, cidade de ritmos e cores, como julgaria o nosso mundo semi-barbaro? Oh! Herdei, que histórias teria para contar da nossa Città!..

Havia, talvez, de no-horas contar, um dia, essas vossas imprenses.

Muita ideia é que o contacto com a vida americana seja especie, aos escritores europeus, para estimular-lhes o sentimento de europeísmo. Um autor francês de primeira plana, e sr. Paul Valery, contou como sentiu pela primeira vez a consciência de homem de Europa. Dizendo-lhe esse sentimento no mais fundo do espírito. Em certo momento, rumou a guerra dos Estados Unidos com a Europa. Esse simples fato — o fato de ter um país americano, feito por um povo europeu, colonizado por populações europeias, quando erguer-se-á contra uma nação da Europa — o fato de desaparecer na espirito do autor de Capafinos. Através da sensibilização pelas conjecturas que se preceiam a teoria, incoerente da Europa, que existia em seu espírito.

Este é o resultado da quaisquer contemplação do leitor americano seu, no espírito dos escritores europeus, uma nova assimilação desse sentimento de consciência europeia, definido por sr. Paul Valery. E o mesmo fato, aliás, que ocorre com os escritores americanos, que ao visitarem a Europa, no contacto com os exploradores, espíritus e materiais de Paris e Roma, de Londres e Berlim, adquirem uma consciência mais aprofundada de sua patrícia e de seu continente.

Reinem que tudo ama comprender, via estreitas, lá agora, partindo reverenciar a alma da América do Sul. Tendo a convicção de que todos aqueles que entram na Europa, e que chegam estimulados pelas angustias que a situação ali impõe, reconheçam que já existe alguma coisa nova no continente a que precisam de apontar. Somos pais, em vez de pais de vastas solitudes, infaustas, que dormem à espera de quem queria colonizá-las. Assim, em nossas terras, o elemento homem, que é raro, vale muito. A terra, que existe em abundância, vale pouco. E o contrário, precisamente, do que ocorre na superpopulada Europa, onde cada metro de terra vale mais do que a vida de um exercito.

Nossas populações foram formadas principalmente de gentes europeias. Para cá trouxeram essas gentes um sentimento de repulsa pela atmosfera de lutas e de sufrimentos que, em todos os tempos, tem oprimido a Europa. Tudo aqui, na América, parece tornar possível o florescimento de um espírito de fraternidade sincera, de sincera compreensão entre os povos. Não serão tão românticos que vós diga que esses sentimentos já se fizeram, de uma vez por todas, realidade. Mas, as belas obras são erguidas lentamente.

E as sementes de hoje medraro, daqui a cinquenta, daqui a cem anos, em ótimos frutos. E é alguma coisa poderemos construir para aqueles que hão de vir depois de nós.

Facilmente verificareis, sr. Stefan Zweig, com os vossos próprios olhos, tudo o que aca-
bo de vos dizer sobre a América

do Sul. E quando o tiverdes vendo, talvez descerterei essa vossa memória a recordação de certa página que um dia escravoste. Refiro-me àquela mediocridade em que fuias drava, sobre "O espírito da discordia" e o da dissidência, e que vos fui fornecido a todos os povos, e que éramos mais apaixonados e pensamente entusiasmados, representando nenhuma papel na história, sobre o destino do Eu-
ropa. O sonho dos humanist

— a dissolverem os conflitos num grande espírito de equidade, essa ambicionada união das nações, sub o signo de uma cultura geral — tem permanecido como uma utopia. Nunca foi realizada, nem será por virtude realável no domínio dos fatores. Mas, no domínio do espírito, existem lugares para todos os contrastes. Mesmo que nunca triunfe na realidade, conserva, no espírito, um dinamismo eficaz. Precisamente os sonhos que outrora se traduziam em realidade e que no espírito se tornam invenções. Uma ideia que não logra concretizar-se em fato, guarri, por isso mesmo, o seu valor. E a sua realização não bastaria para provar que ela é falsa. Usaríamos necessária, mesmo quando se difera de fato, não deixar de ser necessária. Somente os ideais que não se realizaram e que, assim, permanecem entre os homens, constituem a ministra da cada geração um elemento de progresso moral. E só elas são eternas. Por isso o fato de na ter o ideal humanista, era-mos — essa priscaria trinitária da aliança europeia — prateleira, nem tão qualque influência sobre a política, não quer dizer, de maneira nenhuma, que ele tenha sofrido uma desvalorização espiritual. Não é da natureza daquilo que paira acima das paródias tornar-se um dia um partido e ainda menos uma milícia. Podemos esperar apenas que a modernização, esse risco de vida superior e sagrado, querido a Goethe, tornasse um dia a forma e o fundo da alma das multidões.

Isso dirás vós. E vós não ignorais porque o tendes visto, num vexo na História, e o visteis uma vez na existência, que o ódio, quando se desencadeia entre os homens, atinge nos extremos mais horribles da crueldade e da animalidade.

No momento em que lembrança daquela página vos levou a escravidão, vos poderia esclarer que no continente americano, não está reservada a glória de ser a república, sim, em seu primeiro se tornar realidade o sonho humanista de fraternalidade dos povos. Esse belo sonho de Krasno é o vosso sonho. E também o sonho de todos os bons espíritos que, e só para o mundo, fazem a viagem. A vida, orientados pelas abstrações da arte e da poesia.

Chiei dessas alegorias com vossas respostas, sr. Stefan Zweig, que a Academia Brasileira vos dirige a sua saudação fraterna, na ocasião em que recebe a alta honra da vossa visita.

III RESPONSA DE STEFAN ZWEIG

Coisa fácil ser grato. Agradecerei, porém, é uma grande arte, e, como toda a arte, difícil de nela nos tornarmos mestres. Requer uma espontaneidade de coração que não é de todos, nem é raro perturbado por não saber se sou merecedor da homenagem que recebo desta Academia.

Confesso-vos, meus nobres

colegas, o meu embaraço, pois que confesso, como em aquelas horas trágicas de dúvidas que, quais nuvens negras, pesam sobre os céus, sobre os nossos trabalhos, paralisando-nos a ação. Sabemos ainda quantas vezes caiam deceções aos nossos leitores, quando perante eles comparecemos. Esperam de nos

uma brillante mestria da palavra, uma habilidade artística de escravidão, mas, não sei se escravidão, nem possuidora de uma segurança absoluta de altitude, e, como bondosamente me atingiu, uma confiabilidade, perfeita da propria individualidade.

Na realidade, o artista é tanto mais timido e indeciso quanto a dúvida e o pouco valor da sua obra são fantasmos a atormentar constantemente o seu estado de espírito; sente-se achado quando lhe saem os seus livros, porque somente ele sabe avaliar a grande distância que medeia entre o que conseguiu fazer e o que queria conseguir, porque somente ele compreende, comparando sua obra as das grandes mestres, a pequeno do seu trabalho. Nessas instâncias, o seu único desejo é escapar à sociedade que o cercava, para esconder a vergonha que lhe vai na alma.

Para combater essa permanente e trágica dúvida, no artista só resta procurar convencer-se de que o que ele procurou foi imitar os mestres e os modelos que venera e admira. Sua geração extraordinária é sentir-se a gente compreendida e apreciada. Qualquer um homem ou mulher pode discernir quais os verdadeiros criadores, pois que criar é, no fundo, criar para os outros, arrancar algo deles que nos denuda e só aí cíe deve pertencer.

Sua geração admirável que respeitam dos reformadores que dividia, pois que compreendem que aquilo que viu em sua paixão a ter sido próprio que o seu uso convivia passa a envergar os outros e, indo além da nossa própria estreita existência, se projeta em um plano fora do nosso alcance.

Permit-me que fale de mim por uns instantes e que vos transmata, agradecido, as saudações maravilhosas que experimento em vossa ilustre companhia.

O Brasil sempre foi, para mim, uma visão mágica. Como criatura, já colericamente orgulhosa ou belos seixos, inflamada-se-me o sangue, quando moço, no leito das maravilhas de Amazônia e, já adulto, me entusiasmavam as brechas desta caíada e a típica e incomparável cultura desta terra.

Peles amea a dentro terra crescente os meus sonhos de longas viagens. E éis que elas se realizam!

Uma semana sucede a maravilhas inúmeras. Uma segunda, quase uma terceira parte de estrelas terrestres havia de atraí-
sado. Afinal, chegou, e encontrei o milagre, uma parte do meu ser, particular vivas da minha essência, já se encontravam aqui, antes que o meu físico chegasse a esta nova terra. Muitos livros já estavam aqui, em outro idioma, com outras ruas, nos mostradores das livrarias e, o que é mais, infinitamente mais, outras corações dos homens. E aqui, neste momento, venho viver, no amavel discurso de M. Leão, o resumo de minha vida, de todos esses anos passados, com a impressão de sua unidade. Revi-me e revivi, usufrui em poucos dias tanta bondade, tanta gentileza, como em alguns anos. Não hui de estar integralmente feliz?

Contudo, meus nobres amigos, para ligeira súmula sobre a minha felicidade. Sinto-me entre vós — e por que não fiz de dizer? — um tanto envergonhado. Tenho uma grande divida para convosco — não a minha, mas a grande divida que todos nós na Europa sentimos. Havia guardado intacta a generosidade do coração. Recebemos a obra dos estrangeiros de braços abertos, não a afastamos, não estais possuidores dessa reprovável xenofobia, que hoje torna a Europa tão moralmente odiosa.

Eis aí que subentendo, nós de diante de vós um futuro talvez neminha outra de vós? E' de devo dizer, mas não sei se escravidão na Europa pudesse falar sobre um dos vossos, com o mesmo conhecimento, com a mesma segurança, com que M. Leão se referia a mim. Pode ser ainda, de certo ponto, na velha continente o erro de se encarar as regiões extracircumpolares como colônias espirituais, as quais não se rende nem a homenagem. Ainda hoje não se quer compreender na Europa que a Humanidade não esteve no século XIII e que na época de equilíbrio do mundo deu-se essa afastando.

Mesmo distantes e antigos, eu bem posso compreender,

pois a amargura que, às vezes, de vossa de vos pela designidade, pela injustiça de que vos sentis atingidos em vos comparando aos artistas de outras terras, sobretudo porque vossas obras não são, em valor, absolutamente inferiores as nossas. Eu compreendo tanto mais esse vosso sentimento quanto em mim me julgo, em parte, causado dela, mas aqui vos prometo penitentir-me, desde já, e com todas as minhas poucas forças, como se cumprisse um dever.

Eu vos disse, dignos colegas que bem posso compreender, pois a amargura que, às vezes, de vossa de vos pela designidade, pela injustiça de que vos sentis atingidos em vos comparando aos artistas de outras terras, sobretudo porque vossas obras não são, em valor, absolutamente inferiores as nossas. Eu compreendo tanto mais esse vosso sentimento quanto em mim me julgo, em parte, causado dela, mas aqui vos prometo penitentir-me, desde já, e com todas as minhas poucas forças, como se cumprisse um dever.

Eu vos disse, dignos colegas que bem posso compreender, que vosso sentimento quanto em mim me julgo, em parte, causado dela, mas aqui vos prometo penitentir-me, desde já, e com todas as minhas poucas forças, como se cumprisse um dever.

Talvez achais que não agradece bem e bastante as palavras não são todo o agradecimento. Quero, entretanto, que legitimamente que profundo sentimento de alegria devrias experimentar de vossas escritoras e artistas brasileiros. Pois que, nenhuma de vós é de mais admirável do que combater por vossa terra, por um povo, por um idioma que tem o futuro por si.

Eu sinto como crescem a fé e a força desta nação. Tenho dito aqui no Rio, muitas vezes, não fosse tão forte e enaltece das ondas que oceano de marcas junções, poder-se-ia dizer, a geração das elementos. Para vos e convosco e que se esclarece essa época. Para cada mil leitores de hoje, teria dentro de um ano, dois, e dentro de alguns anos dez mil. Tendes a esta terra maravilhosa

EM TODA PARTE, ESTRANGEIRO... — (Trecho de uma autobiografia) — STEFAN ZWEIG

"Jávai dei a minha pessoa vivência dramática, assim importante que me acentuam no vacuo, no inútil, no comum do "não sei para onde ir". Não me importa, em um novo sentimento, tornar-me livre, e só quem não está preso a coisa alguma, que necessita mais respeitar alguma. Por isso espero no vosso poder satisfazer a condição essencial para a apresentação fiel de uma obra: sinceridade e imparcialidade.

Desprendido de todas as razões e do ego que as motivam, a verdade esteve eu como realmente alguém, estive em Nasch, em 1881, num grande império, a Habsburgos, que procuraram, porém, no mapa, foi extinta e não deixou gos. Cresci em Viena, a leitura metrópole, e com criminoso, vive de abandono, antes de ter sido ela transformada, a sua existência de império de alcance de província. A obra literária no idioma era a escrevera, foi reduzida a zeros, no mesmo instante que em meus livros fizem milhões de leitores. Por isso já não pertence a lugar algum, em toda a sua estrangeiro, hospedei-me a verdadeira pátria que a coração escolhera para si, a Europa, eu a perdi, desde que, pela segunda vez se dilacerou numa guerra fratricida.

A POETISA - (Marcelina Desbordes-Valmore)

Mei seu'e en chemin et plu-
trante en milieu,
J'ai dit ce que jamais femme ne
dit qu'a Dieu"

Desherdada da fortuna, desherdada da felicidade, "paris do amor", Marcelina Desbordes-Valmore como poetas também não foi favorecida. O tesouro primoroso da língua esteve fechado para ela durante toda sua vida. Nunca pôde ela ordenar o corpo queente de sua poesia com as pedras preciosas, cintilantes, faszantes, iridisadas de vocabulários raro com artificios fechos de engenhos lavorados, com o antinomismo tecido como cultura herdada e adquirida. Ela não pôde, a fim de comprar a liberdade para o sentimento, senão a moeda da moeda da linguagem trivial, o vocabulário dum pessado queijo, quase o dum ciancia. Marcelina Desbordes-Valmore é autodidata e sua literatura é esta autêntica doção de que no nível da medida de sua época. Em sua eterna juventude, não aprendeu, já tarde envelheceu para a escola: "A dix amie que ne savais rien que d'être heureuse", e, já cedo arrancada da meninice para a vida, a misericórdia e as preocupações lhe tiraram os avos das maos. A sorte numérica lhe concedeu sóssegos bastantes para que pudesse aperfeiçoar a instrução. Essa grande poetisa não conhece bem nem sequer a ortografia. Beira parte de suas versos têm de ser retocada para ser impressa, e em suas cartas pulham erros de imprecisão, como peixes num riaço. Todo vocabulário estranho torna-se para ela um escalho. Numa carta escreve ela que os equinóxios são a causa do grande calor e em sua modestia persistente, aprecia, a desculpa: "Ouve isto se outros, pois sabes que não tanto mais instruído do que as árvore, que se elevam e se dobram sem saberem porque". A arte de Marcelina Desbordes-Valmore é singela. Suas rimas são pobres, suas imagens quase não passam das que se encontram em sabichonas e dilettantes: não as compondo adequadamente românticas como a flor que baixa no vento, rosa que se desfaz, a andorinha que faz seu ninho, o raios que cai do céu azul. A forma de seus versos é penosamente e para ela, que é pobre de rimas, já o soneto é demasiado difícil. Sua arte não dispõe de recursos; Marcelina não possui senão as medidas minhas e gostas da linguagem diária, a fim de trocá-la, por seu sentimento, que é preciosamente raro. Sua arte não tem senão as palavras singelas, como diz Rilke: "que sofreram a penuria quotidiana", palavras pobres, simples, matravilhosas, "les mots, les pauvres mots, les mots divins, que font peur". E somente com os seus próprios recursos que adquire seus instrumentos poéticos, não é a linguagem que recebe de outras, que faz dela uma artista, mas sim excitativamente o que ela dá do proprio peito, um sentimento intenso, e, além disto, a mais alta força de sua personalidade: a música.

Marcelina Desbordes-Valmore é toda música, porque é toda alma. Esse mais alto poder, esse poder ao mesmo tempo terrestre e sobrenatural que com as sete notas, com a oitava, cria o universo do sentimento, é um dom que a natureza lhe deu. As palavras mais frías, mais singelas, tornam-se transparentes e diafanas, graças à influência do ritmo ardente do sentimento. Nada em sua poesia é edifício massiccio, estôico, projeto, imitação, problema, artifício, tudo é suave, flutuante, sonoro, vibrante, tudo é música e transfiguração. Ela dá alma à mais pobre rima, se mais sim-

plex vocabulário, une com um lago fella aquilo que com dificuldade reuniu.

A música é a essência e também a razão de sua poesia, pois não foram nem a ambição nem a imitação que levaram Marcelina à poesia, como acontece com a maioria dos poetas. Quando menina, gosta da guitarra. Seu bom ouvindo retém as melodias que ouve no teatro, nas ruas, e, demasiado pobre, para comprar os textos, os livros, em casa nas muitas horas de soldado, compõe ela para si româncias melancólicas e pequenas canções para as melodias que ainda ressoam no seu íntimo. Imperceptivelmente, de modo de todo inconsciente, como as plantas nos campos elevam suas flores para Deus, desse inocente passa-tempo se origina a sua inclinação, a paixão para a poesia. E quando sua voz se torna mais fraca e ela tem de abandonar o canto, do domínio da palavra cantada retira-se inteiramente no da palavra escrita e da palavra falada. "A música começou nele", escreve Sainte-Beuve, a por si mesmo transformar-se em poesia, as lágrimas caiam em sua voz e assim, certo dia, os versos por si mesmos desabrocharam de seus lábios". Durante anos ela faz versos não para o mundo, canta apenas para acalentá-la seu próprio sofrimento "pour endormir son pauvre cœur". A orfá de mãe, a mulher sem filhos e que ainda não conhece o amor, procura na poesia consolá-la a própria.

Via à-vis la mienne
Une chose aïeue.
Elle fut la sienne.
La nôtre, un instant
D'un rebas signe
Cette écluse est à.
Toute réjouie
Comme me voilà!"

Essa sinceridade confere a suas poesias um valor muito elevado e sem par. Precisamente porque essas poesias nada devem à fantasia e nem tudo ao que foi vivido é que são tão reminiscências. São as quatro esferas da alma, e nunca deude São através do vénus da poesia se penetrar tão profundo e tão intimamente num coração de mulher e nunca se via tão nua uma alma na etusão do sentimento. Rubor, hesitação, medo, pejo e circunspecção, tudo isto é desabrochado, porque fala em suíno. Esperamos indirecamente para dentro de sua vida como para um quarteto alheio, porém, ela é tão pura, nobre e casta que não poupa toda veracidade de nossa curiosidade. Temos conhecimento do fato mais íntimo de sua vida e com ele temos conhecimento de todas as mulheres por meio dessa, que era sincera; ao valor poético de suas obras junta-se um valor documental inestimável. E sem exemplo na literatura universal está deliciosa maravilha de sinceridade absoluta, maravilha graciosa a qual aqui se podem comparar por meio de pequenas canções, linha por linha, a história da sorte dumha mulher e por meio de poemas uma biografia inteira, sem que nenhuma e noutra em qualquer parte se encontre uma mentira, um embelezamento ou uma hipocrisia. Em profunda tranquilidade consegue-se contemplar aqui aquele milagroso fenômeno da cristianização do sentimento, que de ordinário fica encoberto: os mistérios da gravidez, o frenético do primeiro sentimento de amor, o horror do envelhecer, o horror e a felicidade diante do novo sentimento de se sentir capaz do duplo amor, a tortura de ver a vida afastar deles os filhos, a transformação do amor sensual no amor a Deus, em religião. Em parte alguma das produções dum poeta o sentimento foi mais transparente e mesmo tão poeta quanto nos versos de Desbordes-Valmore e as palavras de Sainte-Beuve constituem o maior elogio que se pode a ela fazer: "Elle n'est plus poète, elle est la poésie même". Ela própria não é a poetisa, o sentimento é que, por assim dizer, faz versos por intermédio de ela.

A música trouxe-lhe a poesia e a música também leva dela para o mundo a poesia. Amigas e estranhos entoam as pequenas canções de Marcelina e elas surpreende, não quer acreditar que estas de repente adquiram asas e vólem para o mundo. O que com essa mulher deshabitada da felicidade se deu no amor dás-se depois também na glória, ela não pode percebê-la, não pode imaginar que esses pequenos versos que compõem em pleno trabalho meio brincando, meio sonhando, possuam qualquer valor, qualquer importância. A poesia era para ela apenas um opúsculo, uma pequena felicidade contra as grandes dores, uma ilusão, aparentada com o amor tanto no prazer como na tortura.

"Comme une douleur plus tendue il a sa volupté", e então aparecem indivíduos, grandes e célebres poetas; e elogiam isto como literatura. Sainte-Beuve saudou as versos com um hino: Balzac, o colosso afavel, anelando e oregando, sobre os cento e trinta degraus da morada de Marcelina, a fim de lhe exprim-

"Ma demeure est haute
Dominant sur les cieux,
La lune en est l'hôte
Pais et séjeus.

En bas que l'on sonne,
Qu'importe, aujourd'hui,
Ce n'est plus personne
Quand ce n'est pas lui!"

(Continua na pág. 103)



Stefan Zweig pronunciando uma conferência na A. B. L.



Stefan Zweig pronunciando uma conferência no Rio, em setembro de 1940.



O escritor, num banquete que lhe foi oferecido em São Paulo, em setembro de 1940.

STEFAN ZWEIG,

(PRIMEIRO QUADRO)

Chama-me, e eu te responder-tei, e te mostrarei coisas grandes e poderosas, que tu ignoras.

Jer. XXX, 3

Teto em terraço da casa de Jeremias — um quadrado de pedra branca que brilha na luar da lua. Ao fundo, Jerusalém com as suas torres, suas ruínas, seu silêncio de sono. Nada de vene em redor; só o vento da aurora que nasce passa e repassa susurrando no silêncio.

De subito, passos ruidosos, apressados, sobem pela escada. Jeremias com a roupa em desalinho, peito aberto, ofegando como se uma mão o quisesse estrangular, salta no terraço.

Jeremias: — As portas... levantam ferrolhos... a muralha à muralha!... Ol! as pobres sentinelas... elas veem... estão lá... Fogo sobre nós... fogo no Templo... Socorro... socorro!... O muro tomba, o muro...

Jeremias se lanza até a beira do telhado e se detém de subito. Seu grito ressoa claro no silêncio branco. Retrai-te de pavor, deserta! Sua olhar explora a cidade como o olhar de um homem aberto. Os braços distendidos pelo terror deixam cair lentamente e pausa a mão fatigada sobre as pulseiras abertas.

Fantasma, loucura, sonho, o terrível sonho! Oh! Os sonhos. Como a casa está cheia deles!

(Ausculta o silêncio, cada vez mais febrilmente).

Há na cidade e há puz nos campos; só eu estou em fogo, só meu peito queima! Que ventura sobre a cidade, que repousa no braço de Deus! o sono a adormece de sob o pulo do espaço tranquilo, um orvalho de luar pousa em cada casa, na frente de cada uma pula, leve, uma solenidade. Sómente eu, todas as noites, tenho o braçal dentro de mim, o fogo de horro devora a noite de minhas vidas! Oh! O martírio desta visão, ser o alvo destas visões enganosas, que tornam consistência no sangue, e se apagam e fundem ao romper da luar!

(Ausculta o silêncio, cada vez mais febrilmente).

Oh! O silêncio, sempre o silêncio, e dentro o tumulto de uma noite que se erga. São garras de fogo que me açoiam e eu não posso apanhá-las; na visão me flagelo e eu não sei quem me tortura; no ar vazio vão perder-se meus gritos. Fugir? para onde fugir? Deixa-me, caçador, ou prender-me? chama-me de dia claro, não em sonho, fala-me com palavras e não me consumas com imagens — sei do teu vêu, tu que me tens cativo; dize-me o sentido desta tortura, dize-me o sentido!

Uma voz:

(Voz que chama do fundo da sombra, docemente. Parece provocar das profundezas ou de muito alto, cheia de mistério do seu afastamento).

— Jeremias!

Jeremias:

(Cambaleando, como atingido por uma pedra)

— Que é?... Meu nome... não é um nome... ele vem das estrelas ou do fundo do meu sonho?...

(Escuta o lado de fora; tu de novo se cala).

Jeremias: — Es tu, o Invisível, que me expulsas e me atormentas... sou eu mesmo, e o rumor do meu sangue?... Fala ainda, para que eu te reconheça, a voz... chama-me ainda, ainda uma vez, fala...

A voz:

(Como se aproximando).

— Jeremias!

Jeremias: — Sou eu, Senhor! Teu servidor te escuta!

(Aplica o ouvido retendo a respiração. Nada se move em torno. Tremendo de pavor).

— Pula, Senhor, a meu servo! Tu gritas meu nome, dá-me também tua mensagem, afim de que a receba em meu espírito.

(Dispõe-se de novo para escutar. Profundo silêncio).

Jeremias: — E presumi muito ter sede de ti? Eu não sou instruído, sou o menor dos teus servos, um grão de poeira de teu solo, mas a ti somente cabe escolher! Porque tu escolhes um rei entre pastores e muitas vezes descerdas a boca de uma crença para inflamá-la com tua palavra. — tu escolhes seguir outros sinais. Eh quem toca, Senhor, esse é o escolhido; quem escolhes. Senhor, esse é o chamado. Se é tu que grita que veio a mim, vê eu não te fui. Lança-te sobre a tua presa, Senhor, como uma matilha sobre a caca, ou impele-me mais e mais longe para o destino. Mas, ao menos, faz-me saber, afim de que não venha a te faltar abrigo-me os céus de tua palavra afim de que o meu servo te contemple!

A voz:

(Mais próxima e mais insinuante).

— Jeremias!

Jeremias:

(Inflamando-se).

— Escute, Senhor, escuto! De toda minha alma ouço a tua voz! Abriram-se as fontes de meu sangue e jorraram; todas as fibras do meu corpo se distendem para te alcançar; abro-me, vaso indigno, a tua revelação. Falá-me a tua palavra, ordene-me as tuas ordens; pertenço-te na minha carne e no secrete de minha alma! Quero tornar-me o teu querer e absorver-me na tua ordem. Por ti quero abandonar os que amo e ficar estranho a meus amigos, quero abandonar a docura da mulher e a morada de meus semelhantes, quero viver em ti unicamente e andar por teus caminhos. Não quero escutar nenhum apelo, eu cuja alma ouviu o teu, e quero tornar-me surdo às palavras dos homens. Devoto-me a ti só, Senhor, a ti só porque minha alma tem sede do teu serviço — estou aberto à tua palavra e esperando os teus sinais!

A voz da mãe:

(Muito próxima agora e reconhecível).

— Jeremias!

Jeremias:

(Em extase).

— Cai sobre mim, Senhor; meu coração já está nulo terror da sua aproximação! Desarma-me, te tempestade bendita; escava-me para que eu receba a tua semente, fertilize minha terra e fecunde meus lábios — imprime em meu ser o fogo da tua servidão! Lança-te Jugo sobre mim; vê: minha noça já se curvou; pertenço-te, perten-

co-te para todo o sempre. Ao to e hostil. Que aconteceu, meu menos reconhece-me como eu filho, que inquietação te atormenta?

Jeremias: — Não te preocipes, minha mãe... O leito ruina total? Digo-te, minha mãe, que feli é quem, de dia em diante, não prende seu coração aquilo que vive, porque quem respira este dia já bebe a taça da morte.

A mãe: — Não, tu te forças para mim, filho cruel, mas minha alma está sempre aberta para ti. Pensas que eu não sei como tu vangueias ao luar todas as noites; eres que não te ouço os suspiros quando dormes e os gritos de pavor, quando estremebundas?

Jeremias: — Não te inquietes, mãe, não te inquietes!

A mãe: — Como não hei de inquietar-me? Não és tu o dia dos meus dias e a oração das minhas noites? Uma sombra anuiu-te o rosto e pôs a intransquilidade em tua alma. Tu te fazes estranho aos amigos e foges dos felizes, evitas a praça pública e a casa dos homens. Mergulhas nos teus pensamentos e renuncias a vida. Jeremias, recupera-te, o sacerdócio te chama; as vestes sacerdotais de teu pai te esperam, afim de que louves o Senhor pelo canção e psaltria. Ergue a face à luz do dia, é tempo de aquarecer a tua vida e começares tua obra!

Jeremias: — Pobre rapaz... tu ficas aqui, vestido tão ligamente, na frieza do muro... — ven filho, desconsolamos. A febre sobe na bruma matinal da terra úmida.

Jeremias: — (Furioso).

— Que te sou? Por que me persegues? Oh! Este tormento semiermo — cercado a frente e atrás, de dia e durante o meu sono!

A mãe: — Jeremias, eu não te comprehendo. Eu estava lá em baixo e dormia quando me pareceu ouvir dialogar do lado do telhado, e eram frases e palavras.

Jeremias: — (Sombriamente).

— Trazer uma mulher para um telhado devastado? Corar filhos para o degolador? Não é de nupcias a hora que sou para nôs?

A mãe: — Não te comprehendo.

Jeremias: — (Necessário).

— O tempo! — é tempo! Não foi ontem que te fizeste homem e a casa reclama uma mulher e filhos, para que a imagine de teu pai desperte.

Jeremias: — Não é tempo de começar porque o fim está próximo!

A mãe: — — Jeremias, eu não te comprehendo. Eu estava lá em baixo e dormia quando me pareceu ouvir dialogar do lado do telhado, e eram frases e palavras.

Jeremias: — (Agarrando-a).

— Mãe... eu te juro, fala-me... Tu escutaste uma voz?

A mãe: — Ouvi uma voz que vinha do telhado e, tateando, vim te acordar. Mas a coberta estava fria e o leito vazio. Então o medo se apoderou de mim e gritei o teu nome...

Jeremias: — (Cambaleando).

— Gritaste... gritaste meu nome?

A mãe: — Por três vezes te chamei... Mas porque...

Jeremias: — Por três vezes? mãe, estás certa disso...

A mãe: — Chamei-te três vezes.

Jeremias: — (Com uma voz que se desfaz).

— Ironia e nada! A mistificação por toda a parte, em mim e fora de mim. Martírio de sonhos... Senso, contrasenso e burla... Louco que sou joguei insensato de meu sonho!...

A mãe: — Que queres dizer... quem é que te obsedia?

Jeremias: — Não é nada, não é nada, não pese as minhas palavras...

A mãe: — Não Jeremias, eu guardo, mas o seu sentido me escapa. Jeremias, um espírito estranho se apoderou de ti e teu gênio se tornou insólito.

aquecer minha casa no abismo e minha vida na morte? É necessário semear para o amadurecimento e cantar louvores à ruina total? Digo-te, minha mãe, que feli é quem, de dia em diante, não prende seu coração aquilo que vive, porque quem respira este dia já bebe a taça da morte.

A mãe: — Que abertura tua! Quando o momento foi mais doce, quando o país via mais calma e mais paz?

Jeremias: — Não, minha mãe, eles falam de paz, paz na sua loucura, mas não há paz; eles se deltam e pensam dormir, na sua ingenuidade, mas já dormem a sua morte. Mas, amanhã, é tempo de proximo, como nunca houve em Israel, e uma guerra como nunca passou sobre o mundo. Este tempo será tal que os vivos invejarão os mortos nos seus túmulos por causa de sua paz, e os que vivem invejarão os cegos por causa da sua obra. Sempre, mais alto sobem as charruas, sempre mais próximo vem o inimigo, e o dia do tumulto e do desconsolamento, e a estrela da guerra surge vermella do fundo das noites.

A mãe: — Horror... como poder saber?

Jeremias: — Uma palavra de mistério veio sobre minha alma de sorte que eu vi no céu da noite, e conheci as fases dos sonhos; o recuo e o salto, a noite caiu sobre mim, e todos os meus membros tremiam como um brinquedo; e vi uma muralha cheia de fendas todo o meu coração desmoronou. Mãe, as coisas que se configuraram na escritura encararam os cabelos dos homens e o sono se tornou como uma chama de sua face.

A mãe: — Jeremias... Que é que tens?

Jeremias: — O fim se aproxima, é o fim, que vem sobre nós, assestando do fundo da noite alta; seu carro é de fogo, já há o ronco do pavor...



Um retrato de Stefan Zweig

Dramaturgo -

A VOCAÇÃO DO PROFETA A POETISA

do céu sagrado, já ruge a terra me foi revelado em minhas vi-
sões! com o trovão de um galope.

A mãe:

(Alegremente).

— Jeremias!

Jeremias:

(Aguardando-a e prestando
ouvidos).

Não ouves susurrar e non-
ear lá perto?

A mãe: — Não ouço nada
Amanhecer. Flautas de pasto-
res acordam o vale, uma brisa
lhe brinca no teto.

Jeremias: — Uma leve brisa*
O vento ulua, sobe e aumenta,
o vento da tempestade de Deus.
E do abismo das negras incia-
mões que ele vem e cresce, pe-
gando dos terrores que espalharam
na cidade. Mãe, mãe, não es-
queças que entrechoque de espi-
das no vento, um rolar de ro-
das no marulho da vaga? Lan-
ças e rouras iluminam a
noite, guerreiros, guerreiros.
Inexequível exército que o ven-
to da bortasca arroja sobre o
piso.

A mãe: — Absurdo dos so-
nhos, loucura e burla!

Jeremias: — Aproxima-se.
Aproxima-se o povo estrange-
ro antigo e forte, que vem do
oriental do mundo, que marcha
em estrépito, ulula contra
nos, suas flexas voam longe co-
mo o vento e o relâmpago, seus
caídos são ferrados com a pres-
sa; e os seus carros amea-
cedores como rochas, e no meio
avançam com a coroa de sangue
e destruidor das cidades, o pro-
mador de incêndios, e o tira-
do dos povos, o rei, o rei da
Meia-Noite.

A mãe: — O rei da Meia-
Noite... tu sonhas... o rei da
Meia-Noite.

Jeremias: — Foi eleito por
Ele, e suscitado por Ele, o rude
executor da mais ruda senten-
ça, que deve esmagar o povo
como prêmio de suas faltas, que
deve moer as murtas e ras-
gar as torres, extinguir a lira e
o círio das casas, suprimir a ci-
dade e o seu templo do mundo,
e lavar as ruas de Jerusalém!

A mãe: — Blasfêmia insen-
sível! Jerusalém é eterna!

Jeremias: — Vai cair! Onde
Deus da assalto está prestes
e desonoramento. Por baixo
pisar-lhe-ão as raízes e por el-
as ser-lhe-ão arrancados os
frutos e pelo machado e pelo
arcoito o grande dos grandes
desbaratará a floresta de Israel
e os campos de Sião.

A mãe:

(Explodindo).

— Não é verdade, tu mentes,
mentes, Jamais um inimigo hâ
de tomar esta cidade, ninguém
abalará o Sião, nem o palácio
de David! O inimigo que vier
mesmo no fim do mundo eter-
namente encontrará o recluso
murmurado, eternamente os cora-
cões de Israel durarão. Eterna-
e Jerusalém!

Jeremias: — Ela riu! Por-
que o centro foi partido e o mo-
mento designado. O fim se
aproxima, o fim de Israel!

A mãe: — Renegado, renega-
do de Deus! Nós somos os esco-
lhidos do Senhor e devemos
subir alem dos tempos! Je-
rusalem não morre!

Jeremias: — O que eu digo
contemplai em meus sonhos, e

— gendrou uma palavra e um
misterio.

A mãe: — Blasfemador, quem
concebe tal sonhos; blasfema-
dor sete vezes, quem erê em tal
sonhos! Ai de mim, ai de mim,
que devia ver isto; meu próprio
sangue tremer por São duvi-
dar do Senhor! Jeremias, Je-
remias! queres pois que meu
seio se me torne em abomina-
ção? Não, não te deixarei e
não deixarei seu espírito entre-
na a divida, Jeremias, meu
único filho, escuta-me. Eu te
desvendo um segredo, pela pri-
meira vez, afim de que te co-
rresce despeito. Ouve aquela que
te fala do fundo de sua desgra-
ça. Eu também fui uma desgra-
çada, porque durante dez anos
o Senhor solou o meu ventre.
Tornei-me o gracejo de minhas
companheiras e a risada das
conceitinas. Dez anos padeci
isto e perdi a coragem; mas não
undicímo meu coração infla-
mou-me, e fui à casa de Deus
para que frutificasse meu seio.

Jeremias: — Tu nunca m'o
disseste... nunca...

A mãe: — E eu me roiei na
terra, e behi lama com minhas
lágrimas, e fiz o voto: que um
filho me fosse enviado para em-
consagrá-lo ao Senhor. Fiz o
voto de guardar silêncio, e de
não deixar escapar palavra du-
rante meses duros de parcer,
afim de que um dia a crença
possuisse o dom da palavra pa-
ra louvar a Deus.

Jeremias: — Tu me consa-
graste, mãe!... tu também...
tu também...

A mãe: — Quem não erê em
São não é meu filho.

Jeremias: — Eu só pertenco
áquele por quem meu ser foi en-
clausurado em meu corpo.

A mãe: — E assim que mi-
nha palavra te toca? Mas es-
cuta ainda, Jeremias, escuta
antes que abras a boca diante
do povo: do fundo de minha
alma eu amaldiçoo aquele que
que em meu corpo para que to-
do o poder de falar te perten-
cesse, para que te tomasse o
anunciador do Eterno! Em se-
guida, desligada do compromis-
so nós te educamos no ensino
da escritura, e tu voz querida
era bela no paládio; Jeremias,
tu o sabes agora: sacerdote fa-
to no consagrado desde o conse-
nício de Deus. Olímpico o ro-
sário de teus sonhos e entra na
clareza do dia.

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

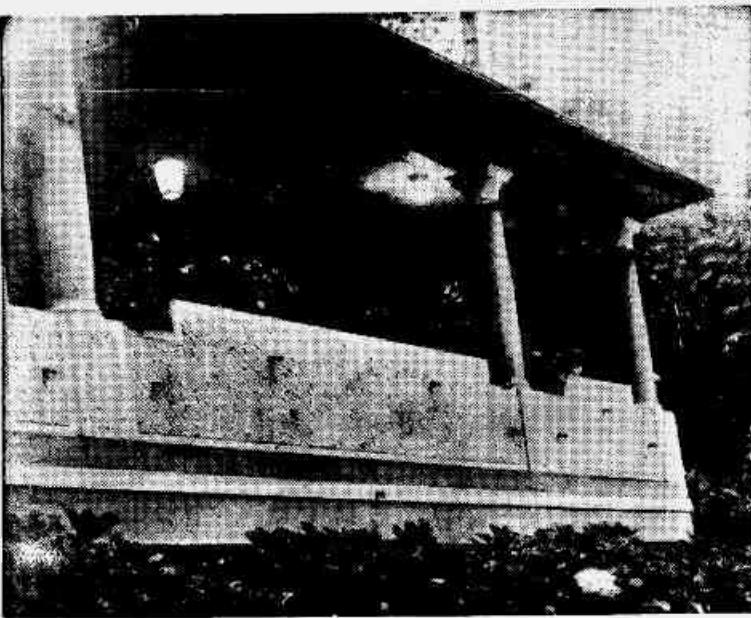
Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!
O mistério dos caminhos de
Deus! Oh! O aguinaldo dos so-
nhos, que me tocaram. Oh! As
vossas sedutoras que me aco-
daram. Oh! O habli cacoado
que não era o golpe. Pois eu
sei quem batia a parede de
meu sono, até que eu saisse de
minha vila sonolenta, eu sei
quem esplicava minha indi-
lênciia, eu sei de quem vinha o
instante apelo...

Jeremias: — Oh! A dupla
promessa, minha mãe, o do-
brado testemunho desta noite.
Uma segunda vez me trouxe-
ste a vida; o conhecimento me
veio por tua palavra porque éis
aqui o muralhoso; eu tevei
minha questão para Deus e ele
me respondeu por tua boca: Oh!



A casa de sua Gonçalves Dias, em Petrópolis, em que Stefan Zweig, em companhia de sua esposa, se acomodou

In memoriam de Stefan Zweig

Recordações pessoais - Ernesto Feder - (ESPECIAL PARA "AUTORES & LIVROS")

Stefan Zweig, que tão de repente nos deixou há uma semana, era, ao lado de Thomas Mann, o maior escritor de língua alemã e, como autor de contos, não tinha igual entre os vivos. Sua capacidade de produção não diminuiu nos últimos seis meses de vida que ele passou neste país que tanto amava e ao qual dirigiu o seu último adeus. Acabara de compor sua auto-biografia e ultimava um trabalho sobre Antônio Vespúcio, obras que, em breve, serão dadas à estampa. O seu último trabalho completo é uma novela: "Conto de xadrez". Remete-me os manuscritos com uma carta em que se dizia: "muito grato se lhe quisesse apresentar, sem reservas, quaisquer objeções". Amanheceu modesto, agradecendo algumas notas com que lhe redigiu a novela em que trabalhou, com sua argúcia e rituidade habitual, dois problemas psicológicos, compondo assim, um de seus melhores contos.

O trabalho capitul que ele deliberara escrever e a que renunciou com uma resignação triste era o seu projeto de livro sobre Balzac. Muitos anos já alimentava a ideia de escrever a grande obra sobre o maior criador na prova. Em sua casa em Bath, na Inglaterra, onde, alguns meses antes da guerra, se instalara para a reta da vida, segundo acreditava, reunira todos os elementos de estudos e de pesquisas acerca do romancista francês. Era labor para dois ou três anos.

A guerra separou-o de sua documentação e de seu projeto favorito. Em sua última palestra disse-me que morrem todos que tentam a biografia de Balzac.

Nas últimas semanas trabalhava num livro sobre Montaigne e durante nossos passeios sob o seu extreitado de Petrópolis, falava-me, volta e meia, nos semelhanças entre a época movimentada do grande francês e os tempos atuais. Dessa obra deixou completos dois capítulos. Pedira que eu lhe emprestasse a minha edição de Montaigne, porque a sua estava incompleta. Quando de minha última visita, sábado à noite, véspera do dia que seria

o seu derradeiro dia, me restavam os seismes acrescentados, de modo um tanto vago, que já não precisava mais deles.

Stefan Zweig, moralmente, muito sofrera com a primeira guerra mundial, em cujo decorso tenra, com alguns amigos, manter os laços espirituais entre os intelectuais dos países inimigos. Morreu no decorso da segunda guerra. Não só os oduses e as metralhadoras que matam. Sua alma não mais podia suportar os horrores de uma quadra que destrói, em horas, o que os séculos construíram. Viena, essa obra-prima sem por do espírito e do sentimento humanos, sua pátria extermecida, estava, para sempre, quebrada. A Europa, de que se sentia cidadão, acima de todas as barreiras nacionais, se entredorava. Na Brasil, que ele amava e compreendia o onde o estimavam e pensavam, achava a sua nova pátria. Mas o senegandário não mais se sentia com forças de aqui construir uma existência nova. Não o consolava sua situação privilegiada. Repercuteiam mui dolorosamente nele as desgraças do mundo. Seu trabalho intelectual já lhe parecia sem razão de ser. Grande parte de nossas últimas palestras consistia nas tentativas que eu fazia de refutar-lhe os exageros pessimistas. Quando, no decorso de um passeio noturno pôs em relevo o nenhum engrangecimento de sua produção e do seu destino de dar ao mundo novas obras, me respondeu mecanicamente: "Vejamos! Em tudo o que escrevi havia sempre algo de feito e esplendoroso. Acabou-se". A extrema sensibilidade, base da fina psicologia de seus romances, novelas e biografias, que lhe dava esse talento único para reconstruir os caracteres e as vidas do passado, o levou a sentir, mais profundamente, também os sofrimentos da humanidade. O antissemitismo ignorou de um país que tanto deu aos judeus e de outros países contaminados por esse mal; as angústias sem conta, de seus correligionários em grande parte da Europa, pesavam, demasiadamente, sobre ele, se bem que sua situação internacional e sua reputação universal não tivessem sofrido qualquer abalo.

O que mais o entristecia era essa onda de raiva que espalhava pelo mundo, incompreensível para quem, como António, se sentia criado para participar do amor e não do ódio.

Poucos homens terá havido, talvez, que amassem a vida tanto quanto ele. Mas essa vida, nas circunstâncias atuais, não lhe oferecia mais nenhum atrativo. Depois de ter regulado, minuciosamente, todos os seus negócios; depois de se ter despedido dos amigos, do país que o acolheira e do mundo, partiu com sua jovem esposa que o amava e que ele amava — tal como, há cento e trinta anos, fizera o poeta Kleist a quem, em seu livro "Arquétipos do Mundo" consagrara um de seus mais conmovedores ensaios.

Kleist, em sua última carta, escreveu ao amigo: "Que o céu deixa uma morte tão cheia de alegria e de infarreal serenidade de como a minha". Na morte de Zweig não houve alegria. Houve, porém, muita serenidade.

Opiniões sobre Stefan Zweig

DE EDMOND JAHOUX

E' humano como o são os russos, e é com uma humanidade, uma paixão, um fôrte de sensimento, que não são de um russo, porque não tem nem o seu sonatismo, nem a sua descontinuidade. E o é no quadro da arte francesa. Suas obras são as de um homem de prodigiosa cultura, mas de uma cultura à maneira vienesa: quer dizer que a sua cultura é um dos elementos mesmo de sua humanidade, como sucedeu também com Hugo von Hofmannsthal.

PEQUENA

Passou o mês de agosto do último verão em Cadenabbia, uma das localidades situadas nas margens do lago de Como e que esconde com tinto encanto entre brancas vilas e a densa floresta escura.

Calmia e pacata, mesmo nos dias mais animados da primavera, quando os viajantes de Belgrado e Menaggio excursionavam a estreita praia, a caladissima estava nestas semanas calidas num solio odoroso e fascinante ao sol. O hotel achava-se quase inteiramente vazio; alguns hóspedes esparsos, cada qual desfrutando a atenção dos outros pelo fato de ter escutado para a fiação de veraneio uma localidade tão perdida, admiravam-se cada manhã de manhã encontrarem os outros ali. O que me causou maior admiração foi um cavalheiro idoso, nômio distinto e culto, na aparição um tipo intermediário entre um coro de tadiâsta legíssimo e um andarilho parisiense, que sem recorrer a nenhum esporte aquático, pensativo, passava os dias vendo e lendo os cigarros ir-se evolvendo em espirais na atmosfera que iluminava de vez em quando um livro.

A soleidade fastidiosa de dois dias de chuva e sua azulada franca detam rapidamente ao nosso conhecimento uma confidencial que fez desaparecer quase por completo a diferença de idade que havia entre nós. Livônio de nascimento, educado na França e depois na Inglaterra, sem nunca haver tido profissão, sem residência fixa há anos, era só um indivíduo sem donos, sem maneria nobre daqueles que, quis viquingos e piratas da leste, num passagem rápida coligiram as coisas preciosas de todas as cidades. Interessava-se como "dilettante" por todas as artes, mas, maior do que o amor a elas era seu desprezo, desgosto de servir-lhes: agradecia-lhes muitíssimas belas horas sem lhes ter dedicado um único esforço criador. Levava para aquelas existências que parecem supérfluas, porque não se prende a nenhuma comunidade, porque toda a riqueza que nelas diferentes acontecimentos preciosos de sua vida neles arrastavam, desaparece com o seu último suspiro e não passa a herdeiros.

Sobre isto falei-lhe uma tarde, quando, após o jantar, estávamos sentados diante do hotel e apreciavam-nos como o lúcio escutava lentamente aos nossos olhos.

Ele sorriu e disse: "Talvez o senhor não deixe de ter razão. Com efeito, não acredito em recordações: o fato que se vive desaparece como o instante que nos abandona. E ficar: isto também não desaparece igualmente vinte, cinquenta, cento anos mais tarde? Mas vou-lhe contar hoje algo que em certo sentido é uma bela novela. Venha! Andando, fale-se melhor de talas coisas".

Assim fomos percorrendo o maravilhoso caminho que subia à ilha, sombreado pelos ciprestes eternos e pelos inúmeros frondosos, entre cujas ramagens o lago reluzia incerto. Do outro lado estava Belgrado, a nuvem branca, sombreante, envolta pelas cores cambiantes provenientes do sol já encerrado e no alto, bem no alto, por cima da colina escura, brilhava, cercada de raios diamantinos, a coroa cintilante de muros da villa Serbeloni. O calor estava um pouco abafado, porém não se sentia, e como um braço nu de mulher apoiava-se com ternura nas sombras e enchia a atmosfera de perfume de ilícitos novíssimos.

Ele principiou a falar: "O começo será uma confissão. Não agora não lhe disse que já no ano passado estive aqui, em Cadenabbia, pela mesma época e no mesmo hotel. Isto pode causar-lhe admiração, tanto mais que lhe disse que em minha vida sempre tive evitado repetições. Mas onça! Havia naturalmente a mesma solidão como desta vez. Achava-se aqui o mesmo cavalheiro de Milão que pesava o dia inteiro, para soltar de vez os peixes e na manhã seguinte apanhá-los outra vez. Estavam também duas inglesas velhas, cuja existência, ligeiramente retrotativa, mal se notava; além disto um jovem com sua jovem encantadora e pálida, que até hoje não creio que fosse sua esposa, porque os dois pareciam querer-se devidamente. Finalmente havia aqui uma família alemã, que apresentava o tipo mais acentuado dos alemães do norte. Uma senhora idosa, loura, ossuda, de movimentos angulosos e olhos rigorosos e uma boca afiada que parecia talhada à faca e áspera. Com ela uma outra senhora, evidentemente sua filha, pois esta tinha os mesmos traços que a outra, apenas atenuados, um pouco mais brandos. Ambas estavam sempre juntas, por sua menina conversando e sem sempre inclinadas sobre o bordado, tal como pareciam tecer todo seu apacimento mental; quais juntas inextinguíveis dum mundo de enfado e acanhamento de espírito. E entre elas uma menina dos seus dezesseis anos, filha das delas, de qual não sei, pois com o franco incabamento de suas traços já se mesclava um leve arredondamento mulheril dos mesmos. Ela não era propriamente bonita, era denunciada e bela, impalpável, além disto vestida simples e desajeitadamente, mas havia alguma coisa de tocante em sua ansia e indecisão. Seus olhos eram grandes e também cheios de luz sombria, de sempre fugiam embaraçados, fazendo voar seu brilho em lentes coruscantes. Tampouco ela aparecia sempre com seu trabalho, mas suas mãos muitas vezes tornavam-se vagarosas, os dedos adormeciam e então ela permanecia quieta, com um olhar sonhador, inóbil, dirigido apenas para o lago. Não sei o que naquele olhar atraía tão singularmente. Teria sido o pensamento trivial e, apesar disso, tão inevitável, que ocorre a alguém quando ve a mãe já fadada com a filha em flor, a sombra atrás do vulto, a ideia de que escondidas estavam em cada face a ruga, em cada

NOVELA DE VERÃO- Stefan Zweig

Os últimos documentos
escritos por Stefan Zweig

ris a luta e em cada sonho a desilusão, a sua vez? Ou foi esta ansia intensa sem objetivo e que justamente estava despertando e que em tudo nelas se revelava, aquele instante único, o mais belo na vida das meninas, no qual elas dirigem coloquicamente o olhar para cima, porque ainda não possuem aquilo a que depois se agarram e em que ficam presas como algas em marés luminosas? Era para mim intensamente empolgante observá-la, o seu olhar sonhador e úmido, a maneira rústica e espontânea pela qual acariciava os cães e os gatos, a agitação que a fazia conhecer diversas coisas e não terminá-las. E além disso a ardente precipitação com que de noite percorria os poucos nostreavéis volumes da biblioteca do hotel ou folheava os dois volumes de poesias lidos e relidos que consigo trouxera, os seus Goethe e Baumgärtel... "Mas por que sorri, o senhor?"

Tive de desculpar-me: "É apenas a associação, Goethe e Baumgärtel".

"Ah, sim! Naturalmente, é cômico. Mas também não o é. Coisa de menina, a menina nessa idade tanto se lhes dão lerem boas ou más coisas, verdadeiras ou falsas. Para elas os versos são apenas o que serve para matar a sede e elas não dão atenção ao resto, pois já estão embriagadas antes de o lehren. E assim era essa menina, tão transbordante de ansia que esta lhe brilhava até nos olhos e a fazia tamborilar com os dedos na mesa, e olhar a seu andar uma maneira especial desajeitada e ao mesmo tempo precipitada entre voo e medo. Via-se que ela tinha sede de conversar com alguém, de desfazer-se dum pouco daquilo que a enchia, mas não havia ninguém, apenas a sólida sombra à sua direita e à sua esquerda os ruídos das aguadas, os olhares frios, circunspectos das duas senhoras. Soltava-se intensa compaixão. Contudo, não podia aproximar-me demais, pois em primeiro lugar um homem adulto em anos nado vale para uma menina nessa ocasião e em segunda minha voz era a de conhecimentos com famílias, e sobre tudo a conhecimento com senhoras burguesas um pouco ideias excludentes de possibilidades. Tentei, então, uma coisa curiosa. Pensei: ela é uma menina nova, inexperiente, que certamente esta pela primeira vez na Itália, a qual, graças ao inglês Shakespeare, que nunca aqui esteve, passa na Alemanha por ser o país do amor romântico, dos Românticos, das aventuras secretas, dos leões e leões, dos punhais relâmpagos, das mísseis das turbinas e das cartas amorosas. Certamente ela sonha com ação. E quem não consegue sonhos de meninas, estas mulheres francesas, fluminenses, os quais sem destino pairam no ar, e assim como as nuvens ao anotecer, sempre ardem com cores que não vivem, a princípio rosa e depois vermelho ruimante? Aqui a essa menina nada parecerá improvável e impossível. Por isso dei-lhe a inventar para ela um narrador misterioso.

Na mesma noite escrevi uma longa carta de ternura humilde e respeitosa, cheia de indícios, de natureza diferente e sombrosa. Uma carta que nada pedia, nada prometia, ao mesmo tempo exaltada e discreta, em suma uma carta romântica de amor, como que extraída dum poema. Visto saber que ela, aquela pela sua impaciência, era todos os dias a primeira a chegar para o almoço, meti a carta entre as dobras de seu guardanapo. Chegou a hora de refeição. Observou do jardim, e sua inerável surpresa, seu súbito espanto, a clama vermelha que apareceu nas faces pálidas e rapidamente caiu até ao fundo da garganta. Vi-a olhar perplexa em redor, esconder com um movimento furtivo a carta. Depois observei como estava ela nervosa à mesa, apenas tocava no almoço e saído logo a pressa para um recanto dos corredores sonhando e desejando, afim de decifrar a carta misteriosa... O senhor queria dizer-me alguma coisa?"

"Eu involuntariamente fizera um movimento, cuja razão fui que dar. Ache isto muito ondoso. O senhor não pensou na possibilidade dela investigar ou, o que era mais simples, de perguntar ao "garçon" como aquela carta fora parar no guarda-malas? Ou de mostrá-la à sua mãe?"

"Naturalmente, pensei nisso. Mas se o senhor visse a jovem, essa criatura tímida, espantada e encantadora, que sempre olhava melindrosamente em torno de si, quando falava um pouco mais alto, não faria essa ponderação. Há meninas, cujo poder é tão grande que o senhor pode atrever-se a tocar as maiores liberdades com elas porque só noutro irresolutas é preferível importar a pior coisa a se confundir com uma palavraria a outras pessoas. Sorriente, acompanhava-o com o olhar e alegremente por ver como minha brincadeira havia sido bem sucedida. A jovem vinha de volta e causou-me grande surpresa: já era outra menina, o seu andar já era outro. Avançava impetuosa e combaraçada, uma onda ardente havia inundado seu semblante e uma doce perturbação a tornava desejada. E assim passou o dia todo. Seu olhar dirigia-se para cada uma das janelas, como se pudesse ali apanhar o segredo, cercava todos os transeuntes e uma vez cam sobre mim, que me desviei cautelosamente dele, afim de não me traír por um pestanejo; mas nesse instante rápido como um relâmpago, senti a interrogatória ardente, diante da qual quase me espantei e senti anos depois que nenhuma prazer é mais perigoso, sedutor e perverso do que fazer saltar aquela primeira centelha nos olhos dumha jovem. Enviá-lhe depois, com dedos sonolentos sentada entre as duas senhoras e observou como, às vezes, levava apressadamente a mão à parte de seu vestido, na qual em tinha certeza de que ela esconderia a carta. A brincadeira estava me atraindo. Nessa noite

escrevi-lhe uma segunda carta e o mesmo fiz nos dias seguintes. Tornou-se um especial encanto personificar em minhas cartas os sentimentos dum jovem apaixonado, inventar exaltações dumha paixão que apenas era imaginada; isto tornou-se um divertimento interessante, tal qual o dos caçadores, quando põem armadilhas ou atraem a caça para a boca da sua espingarda.

Tão indescriável, quase espantoso foi para mim o meu próprio êxito, que pensei interromper a brincadeira, se a tentação não me houvesse tão ardente presso a ela. Uma leveza, um brutal enleio como o das danças fez-se ver no andar da jovem, uma certa beleza própria e ardente latrou de seus traços; seu sono deveria ser uma constante espera pela carta de dia seguinte, pois de manhã ela apresentava olheiras e tinha o olhar irrequieto e errante. Ela começou a prestar atenção à sua "toilette", trazia flores no cabelo, uma admirável ternura para com todas as coisas abrandava suas mãos, no seu olhar havia uma contante interrogação, pois ela sentia nas mil pequenas coisas que eu revelava nas cartas, que o autor devia estar próximo dela, devia ser um Ariel que com músicas enchia os ares, pairando perto, espreitando a mais íntima atividade e, apesar disto, invadido por sua própria vontade. Tornou-se ela tão alegre que mesmo às duas senhoras obvias não escapou a transformação, pois estas, às vezes, com ingenuidade e curiosidade, fixavam o seu olhar na figura apressada e nas faces que desabrochavam, para depois se fitarem com sorrisos furtivos. A voz da menina tornou-se sonora, mais alta, clara e ondulada e na sua garganta havia muitas vezes um movimento tremulante, como se subitamente um canto, em exaltantes triâmodos quisesse se manifestar como se fosse... Mas o senhor está de novo sorrindo.

"Não, não, por favor, continue a narração. Apesar estou pensando em que o senhor narra muito bem — perdoe-me — o senhor tem talento e contaria isto tão bem como um dos nossos novelistas".

"Com isto cortez e cautelosamente quer dizer-me que eu narro como os seus novelistas alemães, portanto com elevação, extenso, sentimental e enlaçado. Bem, vou ser mais breve! A marionete dansava e eu com a mão avisada puxava os cordões. Para desviar de mim qualquer suspeita, pois, os versos, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui, mas sim que residia numa das estações de cura próximas e que diariamente vinha aquela num bote ou de vapor. E então eu a via sempre, quando tocava o sino da lareira que se aproximava, escapava, es, em sentia como queria ela, indagando, fixar seu olhar no meu, devia a entender a ela que o autor não estava aqui

O PROBLEMA TORTURANTE

Deus torturou-me durante toda a minha vida.

DOSTOIEVSKI

"Existe ou não um Deus?"

As termos que Ivan Karamazov interroga o seu pai

na noite, na horrívola conve

ção que tiveram. O leitor

se lembra de dar a um ho

mo a solução de uma ques

tionário afrontante à mor

al. Com uma qualificação fre

neia, um devoto louvo de cer

to, o seu Deus, Ivan insiste:

é preciso que o deus responda à

pergunta mais importante da

vida. Mas aquele só faz afirmar

o logo da sua impaciência.

Diante do desespero que nada sabe,

Tortura o homem, deixando a

pergunta sem resposta, man-

teando na angústia de Deus.

Todos os personagens de Dostoi-

evski, e ele em princípio lu-

gar, tem esse diabo dentro de

si que põe o problema de Deus

e não responde. Tem esse "co-

ração superior" que se tortura

o mesmo com essas questões.

Stavroíne, o diabo fello ho-

mem, interpela de repente o

Kamázov: "Cé em

Deus?" Come um pugil, en-

terro-a-lhe essa pergunta no co-

roto. Schatov rocia em pall-

deco, trema, porque os heróis

verdadeiramente sinceros de

Dostoevski, estremecem diante

desse confissão suprema (que

fez tantas vidas o próprio Dostoi-

evski tremer e lhe causou

uma santa angústia). Como Stav-

roíne insiste, impõe essa

retirada: "Cé na Rússia?"

Só a sua fé na Rússia já-lo acha-

rá Deus.

Esse Deus oculta, o Deus que

está em nós, a despeito de nós,

o desmentir de Deus, ele é o

problema que Dostoevski colo-

ca em todas as suas obras. Co-

mo verdadeiro russo, considera

que esse problema de Deus e da

imortalidade é "o mais impor-

tante da vida". Nenhum dos

seus personagens pode evita-

lo: jaz corpo com ele, é "o som-

bro dos seus atos". Não podem

escapar-lhe. O único que pro-

cura negá-lo, Kírillof, esse mar-

tar do muniamento, suicida-se

para matar a Deus e, porra, as-

sim a sua existência e impos-

sibilidade de huir-lhe. Vejam

essas conversas em que os in-

teriorizados procuram evitá-lo,

querem seguir-se, procuram

mantevir os assuntos banais,

no "enrol talk" do romance in-

glês, falam do serrado, das

mulheres, da Madona Sistina,

da Europa, mas o problema de

Deus abrange todos os existentes,

estranhando para o insondável.

Toda discussão entre esses per-

sonagens acaba na Idéia da

Rússia, ou na de Deus. E sa-

bemos que para Dostoevski es-

as duas idéias são idênticas.

Russos, personagens de Dostoi-

evski, são tão incapazes de

deixar as suas idéias quanto

os seus sentimentos: passam

faltamente das faltas, do con-

crelo, ao abstrato, ao fim do

infinito. E o fim de toda a

questão, é a questão de Deus.

E o turbilhão interior que ar-

rasta as idéias, o escuro puru-

ento que enche a sua alma de

febre.

De febre, porque Deus (o deus

de Dostoevski) é o princípio de

toda a inquietude, é a origem

das antinomias, é, ao mesmo

tempo, o sim e o não. Não é

qualquer coisa que para leve-

mente por sobre as nuvens, nu-

ma contemplação bemaventu-

ra, como nos quadros dos

mestres antigos, ou nos escritos

místicos. O Deus de Dostoev-

ski é a certeza que sai dos po-

los elétricos dos contrastes ele-

mentares. Não é um ser, e sim

um estado, uma tensão, uma

combinação do sentimento, é o

inversamente, a serem os

mesmos Deus. "Reconhecer que

há um Deus e reconhecer que

é o chique que os faz

sair do seu corpo calmo e mor-

to para impeli-los para o insi-

nido, que os atrai para os excessos

da palavra e do ato, que os

precipita no espírito ardente

dos seus vícios. Como o ho-

mem que o criou, como os seus

personagens, é um Deus insa-

ável, nenhum pensamento

algum, nenhuma dedicação sa-

disso. E' aquele que nunca se

pode atingir, e a fonte de todo

tormento. E da peito de Dostoi-

evski escapa o grito de Kí-

riloff: "Deus torturou-me du-

rante toda a minha vida".

o segredo de Dostoevski

Precisa de Deus e não en-

contra nunca. As vezes acredita-

que pertence-lhe. O éstase apa-

dece-se dele e, ao mesmo tem-

po, a sua necessidade de nega-

ção o repele para o vício. Mais

que qualquer outro afirma

que a necessidade de Deus.

"Deus é necessário", exclama

"porque é o único ser que se

pode amar sempre". E em ou-

tra parte: "Para o homem, ne-

gum é mais torturante que a

pergunta mais importante da

vida. Mas aquele só faz achar

o logo da sua impaciência.

Essa necessidade torturante

durante sessenta anos: ama a

Deus em cada um dos seus an-

os, e, porque o amor é sovi-

te, o pensamento mais

profundo do seu "eu". Duran-

te sessenta anos luta para el-

evitar-se à fé e "romper a viva

seca" aspira à fé. E' incrivelmente

o acerto de Dostoevski em

que se tortura a si mesmo

para agradar a Deus, e o

despero de agradar a si mes-

mo. E' incrivelmente

o acerto de Dostoevski em

que se tortura a si mesmo

para agradar a Deus, e o

despero de agradar a si mes-

mo. E' incrivelmente

o acerto de Dostoevski em

que se tortura a si mesmo

para agradar a Deus, e o

despero de agradar a si mes-

mo. E' incrivelmente

o acerto de Dostoevski em

que se tortura a si mesmo

para agradar a Deus, e o

despero de agradar a si mes-

mo. E' incrivelmente

o acerto de Dostoevski em

que se tortura a si mesmo

para agradar a Deus, e o

despero de agradar a si mes-

mo. E' incrivelmente

o acerto de Dostoevski em

que se tortura a si mesmo

para agradar a Deus, e o

despero de agradar a si mes-

mo. E' incrivelmente

o acerto de Dostoevski em

que se tortura a si mesmo

para agradar a Deus, e o

despero de agradar a si mes-

mo. E' incrivelmente

o acerto de Dostoevski em

que se tortura a si mesmo

para agradar a Deus, e o

despero de agradar a si mes-

mo. E' incrivelmente

o acerto de Dostoevski em

que se tortura a si mesmo

para agradar a Deus, e o

despero de agradar a si mes-

mo. Deus, como de seu negador. Na e do limitado; a essa idéia da a grande prostituta do Apocalipse; nossa ciência, uma idéia dos seus vícios. Como o homem que o criou, como os seus personagens, é um Deus insa-

ável, nenhum esforço exige

para agradar a si mesmo. E' a

conceito interrompido dos seus

ídolos, não tem a menor al-

ternativa, é a menor al-

DE DEUS -- STEFAN ZWEIG

mentem: "Antes de tudo, é antagonismos que durante sessenta anos prosseguem na sua vida, na literatura, em Deus da. Dividem-se em duas partes: Rússia? Rússia real ou mistica, política ou profética? Dostoi- vski não as dissociava. E tentava procurar a lógica em um exaltado, de pedir-lhe o fundamental de um domínio. Nos escritos messianicos de Dostoi- vski, como nos seus trabalhos políticos e literários, as idéias dancam uma verdadeira sarabanda. A Rússia e, às vezes, o Cristo, às vezes Deus, às vezes o Império de Pedro o Grande. E, ainda a Rússia Nova, a união do império e do poder, a tiria e a coroa imperial. Sua capital é as rezas Moscovias, as rezas Constantino- polis, as rezas a Jerusalém nova. Os ideias mais humildes alteram com a sede do poder e da conquista panislavista; hor- scopos políticos de uma segu- ridade absoluta com profecias apocalípticas fenomenais. As rezas rebaixam a idéia da Rússia das cuitas vidas da política do momento, às vezes projecta- do infinito. E como nos seus romances uma mistura de óbvio e logo, de realismo e de fantástico. Ao que há de demônio, ao seu exame forçado, seus romances impõem uma certa medida; é a presa de um delírio pitico. Com todo o fervor de sua paixão, prega que a Rússia é a salvação do mundo, que só por ela se verá salvo. Nunca uma idéia nacional foi transformada em idéia universal e anuncianta à Europa com tanto gênio, orgulho, prestígio seduzido, embriagante e exaltante que a idéia russa nos livros de Dostoi- vski. Esse jardim de sua roça, esse frade exaltado, impiedoso, esse pantomimico arrogante, esse crente instin- tivo, parece-nos, à primeira vista, uma excentricidade heterogênea do nosso grande homem. Ora, para a própria unidade de caráter de Dostoi- vski, isso era indispensável. Cada vez que um teólogo é incompreensível, é-nos preciso recorrer à antinomia; não esquecemos nunca que Dostoi- vski é o mesmo tempo, a afirmação e a negação, que ele destrói o "eu" e o exagera, exasperando todos os contrastes. Sua arrogância exasperada não é sendo a reper- ditiva em proveito do seu re- verso. Comparemos o seu re-

verso: "Antes de tudo, é antagonismos que durante sessenta anos prosseguem na sua vida, na literatura, em Deus da. Dividem-se em duas partes: Rússia? Rússia real ou mistica, política ou profética? Dostoi- vski não as dissociava. E tentava procurar a lógica em um exaltado, de pedir-lhe o fundamental de um domínio. Nos escritos messianicos de Dostoi- vski, como nos seus trabalhos políticos e literários, as idéias dancam uma verdadeira sarabanda. A Rússia e, às vezes, o Cristo, às vezes Deus, às vezes o Império de Pedro o Grande. E, ainda a Rússia Nova, a união do império e do poder, a tiria e a coroa imperial. Sua capital é as rezas Moscovias, as rezas Constantino- polis, as rezas a Jerusalém nova. Os ideias mais humildes alteram com a sede do poder e da conquista panislavista; hor- scopos políticos de uma segu- ridade absoluta com profecias apocalípticas fenomenais. As rezas rebaixam a idéia da Rússia das cuitas vidas da política do momento, às vezes projecta- do infinito. E como nos seus romances uma mistura de óbvio e logo, de realismo e de fantástico. Ao que há de demônio, ao seu exame forçado, seus romances impõem uma certa medida; é a presa de um delírio pitico. Com todo o fervor de sua paixão, prega que a Rússia é a salvação do mundo, que só por ela se verá salvo. Nunca uma idéia nacional foi transformada em idéia universal e anuncianta à Europa com tanto gênio, orgulho, prestígio seduzido, embriagante e exaltante que a idéia russa nos livros de Dostoi- vski. Esse jardim de sua roça, esse frade exaltado, impiedoso, esse pantomimico arrogante, esse crente instin- tivo, parece-nos, à primeira vista, uma excentricidade heterogênea do nosso grande homem. Ora, para a própria unidade de caráter de Dostoi- vski, isso era indispensável. Cada vez que um teólogo é incompreensível, é-nos preciso recorrer à antinomia; não esquecemos nunca que Dostoi- vski é o mesmo tempo, a afirmação e a negação, que ele destrói o "eu" e o exagera, exasperando todos os contrastes. Sua arrogância exasperada não é sendo a reper-

ditiva em proveito do seu re- verso. Comparemos o seu re- desbordante opõe-se à exacer- bação do sentimento do seu na- vido, na literatura, em Deus da. Dividem-se em duas partes: Rússia? Rússia real ou mistica, política ou profética? Dostoi- vski não as dissociava. E tentava procurar a lógica em um exaltado, de pedir-lhe o fundamental de um domínio. Nos escritos messianicos de Dostoi- vski, como nos seus trabalhos políticos e literários, as idéias dancam uma verdadeira sarabanda. A Rússia e, às vezes, o Cristo, às vezes Deus, às vezes o Império de Pedro o Grande. E, ainda a Rússia Nova, a união do império e do poder, a tiria e a coroa imperial. Sua capital é as rezas Moscovias, as rezas Constantino- polis, as rezas a Jerusalém nova. Os ideias mais humildes alteram com a sede do poder e da conquista panislavista; hor- scopos políticos de uma segu- ridade absoluta com profecias apocalípticas fenomenais. As rezas rebaixam a idéia da Rússia das cuitas vidas da política do momento, às vezes projecta- do infinito. E como nos seus romances uma mistura de óbvio e logo, de realismo e de fantástico. Ao que há de demônio, ao seu exame forçado, seus romances impõem uma certa medida; é a presa de um delírio pitico. Com todo o fervor de sua paixão, prega que a Rússia é a salvação do mundo, que só por ela se verá salvo. Nunca uma idéia nacional foi transformada em idéia universal e anuncianta à Europa com tanto gênio, orgulho, prestígio seduzido, embriagante e exaltante que a idéia russa nos livros de Dostoi- vski. Esse jardim de sua roça, esse frade exaltado, impiedoso, esse pantomimico arrogante, esse crente instin- tivo, parece-nos, à primeira vista, uma excentricidade heterogênea do nosso grande homem. Ora, para a própria unidade de caráter de Dostoi- vski, isso era indispensável. Cada vez que um teólogo é incompreensível, é-nos preciso recorrer à antinomia; não esquecemos nunca que Dostoi- vski é o mesmo tempo, a afirmação e a negação, que ele destrói o "eu" e o exagera, exasperando todos os contrastes. Sua arrogância exasperada não é sendo a reper-

ditiva em proveito do seu re- verso. Comparemos o seu re- desbordante opõe-se à exacer- bação do sentimento do seu na- vido, na literatura, em Deus da. Dividem-se em duas partes: Rússia? Rússia real ou mistica, política ou profética? Dostoi- vski não as dissociava. E tentava procurar a lógica em um exaltado, de pedir-lhe o fundamental de um domínio. Nos escritos messianicos de Dostoi- vski, como nos seus trabalhos políticos e literários, as idéias dancam uma verdadeira sarabanda. A Rússia e, às vezes, o Cristo, às vezes Deus, às vezes o Império de Pedro o Grande. E, ainda a Rússia Nova, a união do império e do poder, a tiria e a coroa imperial. Sua capital é as rezas Moscovias, as rezas Constantino- polis, as rezas a Jerusalém nova. Os ideias mais humildes alteram com a sede do poder e da conquista panislavista; hor- scopos políticos de uma segu- ridade absoluta com profecias apocalípticas fenomenais. As rezas rebaixam a idéia da Rússia das cuitas vidas da política do momento, às vezes projecta- do infinito. E como nos seus romances uma mistura de óbvio e logo, de realismo e de fantástico. Ao que há de demônio, ao seu exame forçado, seus romances impõem uma certa medida; é a presa de um delírio pitico. Com todo o fervor de sua paixão, prega que a Rússia é a salvação do mundo, que só por ela se verá salvo. Nunca uma idéia nacional foi transformada em idéia universal e anuncianta à Europa com tanto gênio, orgulho, prestígio seduzido, embriagante e exaltante que a idéia russa nos livros de Dostoi- vski. Esse jardim de sua roça, esse frade exaltado, impiedoso, esse pantomimico arrogante, esse crente instin- tivo, parece-nos, à primeira vista, uma excentricidade heterogênea do nosso grande homem. Ora, para a própria unidade de caráter de Dostoi- vski, isso era indispensável. Cada vez que um teólogo é incompreensível, é-nos preciso recorrer à antinomia; não esquecemos nunca que Dostoi- vski é o mesmo tempo, a afirmação e a negação, que ele destrói o "eu" e o exagera, exasperando todos os contrastes. Sua arrogância exasperada não é sendo a reper-

ditiva em proveito do seu re- verso. Comparemos o seu re-

desbordante opõe-se à exacer- bação do sentimento do seu na- vido, na literatura, em Deus da. Dividem-se em duas partes: Rússia? Rússia real ou mistica, política ou profética? Dostoi- vski não as dissociava. E tentava procurar a lógica em um exaltado, de pedir-lhe o fundamental de um domínio. Nos escritos messianicos de Dostoi- vski, como nos seus trabalhos políticos e literários, as idéias dancam uma verdadeira sarabanda. A Rússia e, às vezes, o Cristo, às vezes Deus, às vezes o Império de Pedro o Grande. E, ainda a Rússia Nova, a união do império e do poder, a tiria e a coroa imperial. Sua capital é as rezas Moscovias, as rezas Constantino- polis, as rezas a Jerusalém nova. Os ideias mais humildes alteram com a sede do poder e da conquista panislavista; hor- scopos políticos de uma segu- ridade absoluta com profecias apocalípticas fenomenais. As rezas rebaixam a idéia da Rússia das cuitas vidas da política do momento, às vezes projecta- do infinito. E como nos seus romances uma mistura de óbvio e logo, de realismo e de fantástico. Ao que há de demônio, ao seu exame forçado, seus romances impõem uma certa medida; é a presa de um delírio pitico. Com todo o fervor de sua paixão, prega que a Rússia é a salvação do mundo, que só por ela se verá salvo. Nunca uma idéia nacional foi transformada em idéia universal e anuncianta à Europa com tanto gênio, orgulho, prestígio seduzido, embriagante e exaltante que a idéia russa nos livros de Dostoi- vski. Esse jardim de sua roça, esse frade exaltado, impiedoso, esse pantomimico arrogante, esse crente instin- tivo, parece-nos, à primeira vista, uma excentricidade heterogênea do nosso grande homem. Ora, para a própria unidade de caráter de Dostoi- vski, isso era indispensável. Cada vez que um teólogo é incompreensível, é-nos preciso recorrer à antinomia; não esquecemos nunca que Dostoi- vski é o mesmo tempo, a afirmação e a negação, que ele destrói o "eu" e o exagera, exasperando todos os contrastes. Sua arrogância exasperada não é sendo a reper-

ditiva em proveito do seu re- verso. Comparemos o seu re-

STEFAN ZWEIG, NA APRECIACAO DE ROMAIN ROLLAND -- (Prefácio do Amok)

"E' para mim um dever fraternal apresentar Stefan Zweig ao público francês. A bem dizer eu já o havia feito, no meu livro de guerra — de paz, durante a guerra — "Os precursores", a propósito do seu belo drama "Jeremias", símbolo da tragédia eterna da humanidade, a crucifixar os profetas que querem salvá-la; "Vox clamantis in deserto".

O que importa é que a França não esqueça tudo o que Stefan Zweig fez por ela, por sua arte, o tradutor e crítico perfeito que levou a Alemanha os poemas de Beaudelaire, Rimbaud, Sennin, Marceline Desbordes-Valmose, a obra intelectual de Vernhaer, que lhe deu o seu esplendor em toda a Europa Central, o companheiro, durante a guerra, do autor de "Jean Christophe" e de "Clerambault", aquele em quem se encarnou, nos dias mais sombrios da tormenta europeia, quando tudo parecia destruído, a fé inabalável na comunidade intelectual da Eu-

ropa, a grande Amizade do Espírito que não conhece fronteiras. Mas, Stefan Zweig não é aqueles homens de letras que foram levados as alturas apenas pelas vagas da guerra e pelo esforço desesperado de reação contra ela. É o artista nato, em quem a atividade criadora é independente da guerra e da paz e de todas as condições exteriores, aquele que existe para criar. O poeta, no sentido goethiano. Aquela para quem a vida é a substância da arte, e a arte olhar que penetra no coração da vida. Não depende de nada e nada lhe é estranho; nenhuma expressão de arte, nenhuma forma de vida.

Poeta, e já ilustre desde a adolescência; ensaísta, crítico dramaturgo, romancista, tocou todas as cordas como mestre. O traço mais marcante de sua personalidade de artista é a paixão de conhecer, a curiosidade sem medida e jamais atenuada, este demônio de ver, de saber e de viver todas as vi- das, que fez dele um "Fliegende Holländer", um peregrino apaixonado, e sempre em viagem, percorrendo todos os caminhos da civilização, observando e anotando, escrevendo suas obras, as mais "intimas, nos hotéis de pouso, devorando todos os livros de todos os países, recolhendo autógrafos que colecionava em sua bela vivenda sobre a colina abrupta que domina a cidade de Mozart, uma coleção magnífica — na sua frente de descobrir o segredo dos grandes homens, grandes países, das grandes criações, que toca ao público, o que eles não confessaram, o indiscreto amoroso e piedoso de gênio, que penetra no mistério afim de melhor amá-lo, e poeta armado da chave temerosa do dr. Freud, de quem foi admirador e o amigo da primeira hora.

O traço mais marcante de sua personalidade de artista é a paixão de conhecer, a curiosidade sem medida e jamais atenuada, este demônio de ver, de saber e de viver todas as vi- das, que fez dele um "Fliegende Holländer", um peregrino apaixonado, e sempre em viagem, percorrendo todos os caminhos da civilização, observando e anotando, escrevendo suas obras, as mais "intimas, nos hotéis de pouso, devorando todos os livros de todos os países, recolhendo autógrafos que colecionava em sua bela vivenda sobre a colina abrupta que domina a cidade de Mozart, uma coleção magnífica — na sua frente de descobrir o segredo dos grandes homens, grandes países, das grandes criações, que toca ao público, o que eles não confessaram, o indiscreto amoroso e piedoso de gênio, que penetra no mistério afim de melhor amá-lo, e poeta armado da chave temerosa do dr. Freud, de quem foi admirador e o amigo da primeira hora.

.....

Pode-se confessar, sem muitos riscos de engano, que esta preocupação surda, este desejo a um tempo voluptuoso e angustiante, é o motivo central,

cauteloso, ele erra na orla dos bosques; e, manuseando um belo livro, ela escuta, ele contempla o coração que bate, os ruídos das árvores, os ramos que estremecem, o pôsso que volta ao ninho e ao terreiro; e sua vida é identificada à vida da floresta...

Diz-se que a simpatia é a chave do conhecimento. Isto é a verdade para Zweig. E verdadeiro, também, o contrário: que o conhecimento é a chave da simpatia. Ele ama pela inteligência. Compreende pelo coração. E os dois sentimentos juntos fazem com que em Zweig, tal como em uma das personagens de uma novela que se vai ler, a ardente curiosidade psicológica tenha todos os caracteres da "paixão carnal".

(Do "DOSTOIEVSKI")

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

<p

Pequena novela de Verão

(Continuação da pág. 108)

terrível violência de cólera, tortura, desespero e amarissima dor que em sobe Deus até onde, arrevessei dentro de sua vida".

Ele permaneceu calado. Conosco avançara a noite e da luta encoberta pelas nuvens emanava uma luz de especial brilho. Faiscas e estrelas pareciam suspensas entre as árvores e a superfície calma do lago. Em silêncio continuamos a andar. Finalmente o meu companheiro interrompeu o silêncio e disse: "Foi eu que fui à história. Não seria uma novela?" "Não sei. Em todo caso uma história que com as outras queria conservar, e pelo qual já lhe devo ser grato. Mas uma novela? Talvez uma bela introdução que me poderia seduzir, pois essas criaturas apesar se rogar, unidas às outras, não se possuem inteiramente, são inícios de destinos parem não são destinos. Dever-se-ia compreender até o fim".

"Compreendo o que o senhor pensa. A vida da jovem, o regresso para a cidadelinha, o terrível trágico da vida considero... " "Não, não bem isto. A jovem não continua a interessar-me. As meninas são sempre seu interesse, por mais dignas que elas se acreditem, porque os seus afeições e sentimentos completos são sempre negativos e por isso demasiado sentimentais. A menina neste caso desposa, quando chega a sua vez, o burguês honesto da sua terra e este fato fica senão a folha verdeira de suas recordações. A menina não continua a interessar-me".

"Isto é curioso. Não sei o que o senhor pode pensar na jovem. Três olhares, este fogo passageiro, pelo homem capta em sua juventude, a maior parte nem se percebe e a outra capta-o depressa. É necessário que envelheçamos para sabermos que precisamente isto é talvez o que de mais nobre e de mais profundo se recebe e é a prerrugativa mais sagrada da juventude".

"Também não é o jovem que desperta o meu interesse...?"

"Porém?"

"En remodelaria o cavaleiro que está envelhecendo, o autor das cartas, eu escreveria sua história até o fim. Creio que em si de alguma menina pessoa escreve imediatamente cartas aventureiras, introduz-se em fantasia nos sentimentos dum amado. Eu procuraria apresentar como a brincadeira se transforma em cosa séria, como o acredita dominar a brincadeira, quando esta já o dominou. A beleza nascente da menina e que ele julga ver agora como observador encanta-o e empalga o mais profundamente. E o instante em que, de repente, tudo lhe escapa, perdiu-lhe essa menina similitude da brincadeira e do brinquedo.

A mim me encantaria aquela menina no amor, que deve tornar muito gentilmente a paixão do velho à do menino, porque ambos não se sentem com valor bem completo, eu dar-lhe-ia o medo e a expectação. Eu fô-lo-lhe tornar-se errante, persegui-la para vê-la e, contudo, no último momento, não atrever-se a aproximar-se dela, fazê-la voltar ao mesmo lugar na esperança de tornar a vê-la, para facilitar o acaso que então é sempre cruel. Eu imaginaria a novela neste sentido e ela então seria...!!

"Mentirosa, falsa, impossível!"

Espantei-me. A voz introduzindo-se áspera, rouquamente trêmula e quase amedrontada nas minhas palavras. Nunca viu no meu companheiro tal excitação. Com a rapidez dum rato adivinhando-me eu irreflexidamente tinha tocado. E, quando ele tão precipitadamente parou, vi com tristeza brilharem seus cabelos brancos.

Quis mudar rapidamente de rumo. Mas então ele começou a falar de novo, e agora todo cordial, sonolento e suave, com sua voz pausada e grave, que apresentava um belo timbre de leve melancolia: "Ou o senhor talvez tenha razão. É muito mais interessante: 'L'amour coute cher aux viciliards', assim, creio eu, intitulou Balzac uma das suas comoventes histórias e muitas ainda se poderiam escrever com este título. Mas as pessoas velhas, que disto sabem o que há de mais intimo, somente narram os seus bons êxitos e não as suas fráquezas. Temei ser ridiculizado em coisas que de algum modo somente são o movimento peninsular do que é eterno. Creio o senhor que los tempos nos acaso o fato de terem-se perdido precisamente aqueles capitulos das memórias de Casanova, em que se trata da sua velhice, em que se invertiam os papéis e ele, em vez de enganar, passou a ser enganado? Talvez apenas a mão se tornou demasiadamente pesada e o coração muito apertado".

Ele estendeu-me a mão. A sua voz estava outra vez inteiramente serena, calma e impassível. "Boa noite! Vejo que é perigoso narrar histórias a moços em noite de verão, isto gera facilmente pensamentos insensatos e toda sorte de sonhos inúteis. Boa noite!" E ele, com seus passos elásticos, mas já retardados pelos anos, voltou para o escuro. Já era tarde. Mas a fadiga, que de ordinário, devido ao calor das noites moles, me acostuma cedo, nesse dia estava dispersada pela excitação que lheve no sangue, quando a alguém sucede uma coisa singular ou quando se experimenta por um instante o que é de outrem. Por isto segui ao longo do caminho calmo e escuro até à Vila Carlota, que desce com escada de mármore para o lago, e sentei-me nos degraus quentes. A noite estava maravilhosa. As luzes de Belágio, que antes brilhavam quase como vagalumes entre as árvores, pareciam então imensamente distantes sobre a água e pousa a pouco iam desaparecendo, uma após outra, na intensa obscuridade. O lago, lúzido como uma pedra preciosa negra e, apesar disso, com brilho confuso nas suas arestas, jazia silen-

Encanto da noite

STEFAN ZWEIG

Quando Wilhelm von Humboldt chamou esta cidade a cidade mais bonita do mundo, conhecera-a somente pela metade, porque para a geração de antes do século da elevação da beleza de uma grande cidade teria havido com o dia. À noite, todavia, Paris e Londres, mergulhavam-se num patoso lúcravado de escuridão, mas quando as lanternas intermitentes refletiam como vagalumes, e somente de quando em quando a sua beleza os telhados com seu brilho fúlido. Porém, que sabiam eles, os nossos antepassados, da magnificência da luz, que faz durante a noite brilhar as pedras num cor transparente; que, sabiam eles do jogo das luzes e cores, no qual acordam agora as nossas cidades, quando nos deitamos para descansar? E nossas cidades, aquela Nova York, podem ser comparadas com o Rio de Janeiro durante a noite.

O melhor tempo e lugar para compará-las é à hora do crepúsculo, na Pão de Açúcar. Toma-se um pequeno biscoito, vai-se até o outeiro da Urca e de lá, num dia ingrato, até o enigma vem chegando à noite, vibrando com asas leves, porem, ainda não exaurida completamente. Desvagar com uma trânsida apena sensual, anotice: a luz torna-se, porco a pouco, mais brava, as cores ferdem a força luminosa. E como se uma faca inviolável fossejasse o espelho do céu, e, à medida que as cores empalidecem, o porco, essa exalação misteriosa das ruívas tropicais, torna-se mais forte. Não é que chegue a intensamente: apenas a ferlante se torna mais intensa, mais forte, e cada vez mais fuludas aparecem as cores no luar, as cores refuzam quase apagadas, como o vermelho e o brilho clara tiveram sido sugados por suas vanguardas.

De repente, vi-se uma espécie de relâmpago num exuberância de lona gigantesca, e de uma só vez, acordam-se todas as lâmpadas ao longo do mar. Uma serpente de luzes, estreita mas infinita, espalha-se ao longo de todas as voltas e desenrola rotundamente os contornos geográficos da costa, num traço de milhas e milhas, como uma faixa de fogo; na extremidade a serpente luta — como na lenda, a coroa de carbunculos — a grandeza da luz da cidade. Essa corrente arqueada de lâmpadas, esse calar de chispas e cor quando os janelas do quartel jingo, cerca rigamente toda a dorme dão para o mar, por onde, porém, olham! — e isto que venho sempre a vová-a de é um encanto particular — repetiu-se mais uma vez no relâmpago bem no fundo do céu do mar. Aqui não é rígido; na as linhas desse calar de tremula e corre com o vai-vem rolas. O espírito é insaciável na das ondas; poucas coisas tanto contemplação da cidade, que de

cioso. Como mãos brancas em tecelas claras, as ondas chapinhantes em leve turbilhão tocavam os degraus num e outro sentido. A pálida vastidão do céu parecia infinitamente alta, na qual havia a cintilação dos milhares de estrelas. Elas ali se achavam inteiramente quietas em cintilante silêncio; só às vezes uma delas, de repente, se separava do cortejo diamantino e se precipitava na noite de verão, sem saber para onde ia, nas trevas, nos vales, nas gargantas, nos montes ou nas águas distantes, arremessadas por uma força cega, tal qual uma vila na profundezas abruptas dos destinos desconhecidos.

(De *SEGREDOS DE AMOR*).



Stefan Zweig num expressivo desenho

isto confrontava a essa dupla hora em hora parece ordem com mais intensidade, à medida que as distâncias caem no escuro. E' um espetáculo seu igual, resistível e inesquecível.

(Da Pequena Viagem ao Brasil. Encontros com Homens, Livros e Países. — Tradução de Milton Araújo — Editora Guanabara — Rio, 1938).

Mundos diversos, vidas diversas...

STEFAN ZWEIG

Com frequência acontece-me que quando irreflexidamente digo: "Minha vida", sem querer pergunto a mim mesmo: "Qual das tuas vidas?" A vida anterior à Grande Guerra, a anterior à primeira ou à anterior à segunda grande guerra, ou a vida de hoje? Outras vezes surpreendo-me a dizer "minha casa" e imediatamente não sei de qual das quais falar, se é a em Bath ou da em Salzburgo ou da casa paterna em Viena. Ou percebo que dize "em nossa terra", e expandido tenho de me lembrar de que para os seres humanos da minha pátria há muito tempo tão pouco pertence a elas como para os ingleses ou norte-americanos pertence aos seus países. Tenho de me lembrar de que a terra onde nasci, já não me une orgânicamente preso, para meu sentimento, em mundos inteiramente diferentes. Toda vez que em conversa falo a amigos mais moços, episódios da época anterior a primeira grande guerra, noto em suas perguntas admirativas grande coisa que, para mim ainda é realidade evidente, para elas já se tornou histórica ou imaginável. Um segredo instintivo em mim dá-lhes razão: entre o nosso hoje, o nosso ontem e o nosso antecâmara destruiram-se todas as pontes. Eu próprio não posso deixar de admirar-me da copia da multiplicidade de viciosidades pelas quais passamos no curto espaço de uma existência, sem dúvida, extremamente incomoda e exposta a perigos e ainda mais me admiro quando comparo essa com a de meus antepassados.

A ultima declaração de Stefan Zweig

Declarações

Se ich aus freiem Willen nicht mit klaren Sinnen
aus dem Leben schaue, drängt es mich eine letzte Pflicht
zu erfüllen. Diesem wunderbaren Lande Brasilien
ist nun zu danken, das mir in seiner Arbeit so gute
und gastliche Rad-gegeben. Mit jeder Tage habe ich hier
land mehr lieben gelernt und virogleich fühle ich mein
mein Leben lieber vom Grunde aus an aufgebaut,
nachdem die Welt seiner eigenen Sprache für mich
überzeugender ist und dass meine geistige Heimat Europa
sich selber verachtet.

Aber nach den sechzigsten Jahren bedurfte es besonderer
Kräfte um noch einmal völlig neu zu beginnen. Und
die waren sind durch die furchtbare lange Jahre 'Kriegs-
toren' Wandern erodiert. So halte ich es für besser,
rechtmäßig und in anfrichtiger Haltung ein Leben abzu-
schließen, dem geistige Arbeit immer die leidenschaftliche
und persönliche Freiheit des Kodesten gut rücksicht
gewinnt.

Id grüsst alle meine Freunde! Niemand sei in Eurer
Röte noch sehr stark bei längter Nacht! Ich, allein
unzulänglich, gele ich voran.

Stefan Zweig

Petropolis 22. II 1942

Recortado do documento em que Stefan Zweig se despediu dos amigos, para suicidar-se

Tradução:

“Só de deixar a vida por mero prazer contado, quero cumprir o meu último dever, que é de agradecer profundamente a este país maravilhoso, o Brasil, que meceu de maravilhado acolhida. Cada dia que aqui passa, mais anhio e entendo mais e em nenhum momento, além dele, poderia ter a certeza de refazer a minha vida. Depois que eu vi a pais da minha

própria língua sonhando a minha pátria espiritual — a Europa — destruindo-se a si própria,

é quando alcança os anos de idade, de novos necessários esforços imensos para reconstruir a minha vida, e minha energia está exausta pelos longos anos de peregrinação como um sem pátria. Assim julgo melhor terminar a tempo uma vida que dephilicou es-
clusivamente ao trabalho espiritu-
ual, considerando a liberdade humana e a minha própria como o maior bem da terra. Deixo um adeus afetuoso a todos os meus amigos.

“Escreço que eles possam ver, atraido, a natureza que virá depois desse longo noite. Eu, impacien-
te demais, voltar antes disso”.

Uma opinião de Vitor Viana - O poder da arte

Maria Stuart, de Stefan Zweig, está nas vitrines das livrarias do mundo intiero e de todas as línguas. Esse êxito mostra o poder da arte. E prova como esse poder sabe dar atração a assuntos esquecidos e novidades aos tempos velhos.

Maria Stuart bem merece a literatura que teve. Hume, Chalmers, Skelton, Stevenson, Fleming Stoddart literam frases dignas do esplendor de impeto e de cálculo, de natural e de artifício, de um mixto de grandezza e de decadência.

Dargaud e Miguel Iberam em francês estudos maravilhosos de estile, que alcançaram êxito nos meados do século passado.

Walter Scott, Alexandre Dumas, Alifori, e, acima de tudo, Schiller fizera ma proposta ou dedicaram parte de livros célebres. Professores de literatura alemã, pelo menos até 1931, examinavam meses inteiros as passagens mais lindas da Tragédia de Schiller.

Entretanto, o estile de Zweig deu graça nova e novo interesse a esse tema vibrante já tão geralmente explorado.

Zweig é desigual na sua grandezza. No tom emotivo de suas frases há menos concisos inéditos do que trivialidades bombásticas. Na variedade de suas imagens há menos originalidade do que aproveitamentos e "arrégios". Mas a sua força de sugestão está na capacidade de, pela abundância pomposa dos pormenores, pela reunião mais possível de objetos em qualquer descrição, pela procura do termo próprio contra a expressão genérica, pelo impeto com que sabe enumerar prediletos, utensílios e coisas de outros tempos, criar uma linguagem quente, entusiasmática e às vezes solene na sua imponência. Esse poder faz com que pessoas que não tem noções da história de Escócia, da Inglaterra e da Europa, da evolução dos costumes e da arte, entojam len-
do, em todos países, essas páginas, que não dizem nada de novo nos que já conhecem os livros que citel, mas que encantam, prendem e empolgam todos, a uns porque evocam com pompa episódios familiares, a outros porque sabem dar fulgor e vida a uma narração de que outras formas não lhes poderiam despertar interesse...

(Do "Jornal do Comércio").



Uma fotografia de Stefan Zweig, em companhia da esposa, feita por ocasião de sua última chegada ao Brasil



Stefan Zweig, em seu leito de morte, abraçado com a esposa, que com ele se suicidou



Blachy, o cão de Stefan Zweig

As mãos do jogador- Stefan Zweig

Mas, cada mão nova que aparecia à mesa do jogo, era para mim um acontecimento e uma curiosidade nova. Muitas vezes me espantava de olhar para o rosto correspondente, que, dominado o colarinho, ficava plantado ali, inerte como uma fria máscara mudana por cima de uma camisa de "smoking" ou de um decote deslumbrante.

Naquele noite, tendo entrado para o Cassino, depois de ter passado por diante de duas mesas mais que aborrotadas e termo aproximado de uma terceira, no momento em que preparava já algumas moedas de ouro, ouvi, com surpresa, noquele instante de pausa completamente muda, cheia de tensão e durante a qual o silêncio parecia vibrar, pausa que se dô quando a bola já prestes a inabilitar-se não oscila mais ainda entre dois números, ouvi, como fui dizer, dentro de mim, um barulho singular, um rangido e um estalo, como proveniente de articulações que se quebram. Sem querer, olhei espantado para o lado oposto do tapete. E vi ali (na verdade fiquei assustada) duas mãos como em nunca visto, uma mão direita e uma mão esquerda agarradas uma à outra, como dois animais que se mordem, que se apertam e lamem prazerosamente, de um modo tão rude e tão curioso, que as articulações das falanges estalavam com o ruído seco de uma voz que se parte.

Eram duas mãos de uma beleza muito rara, extraordinariamente longas, extraordinariamente delicadas e não obstante feitas de músculos extremamente rígidos, umas mãos muito brancas que terminavam por unhas pálidas macilosas e arredondadas. Olhei para elas durante toda a "soirée", olhei-as com uma surpresa cada vez maior, aquelas mãos extraordinárias, verdadeiramente unicas. Mas o que logo me surpreendeu, de um modo aterrador, foi a sua febre, a expressão loucamente apaixonada, aquela mão convulsiva de se torcerem e de lutar entre si. Tinha ali, compreendi logo, de um homem exuberante de forças, que concentrava toda a sua paixão na extremidade dos seus dedos, para que ela não explodisse em toda a sua pessoa. E então... no momento em que a bola caiu no buraco com um ruído seco e abafado e eu que o banqueiro gritava o número... as duas mãos se separaram de repente, uma da outra, como dois animais feridos pelo mesmo bala.

E caíram ambas, verdadeiramente mortas, não só exaustas, mas com uma expressão tão acusada de abatimento e desilusão, como que fulminadas e tão aniquiladas, que as minhas palavras são impotentes para o descrever. Porque nunca, nunca mais depois daquela noite, vi mãos tão expressivas, em que cada músculo era como que uma boca e de onde a paixão saia quase que tangível por todos os poros.

Durante um instante elas ficaram estendidas ambas sobre o pano verde, como se fossem medusas atiradas à praia, frácas e sem vida. Depois uma delas, a direita, começou penosamente a levantar a ponta dos dedos, tremeu, encolheu-se, girou em volta de si mesma, hesitou, descreveu um círculo e finalmente agarrou nervosamente uma ficha que fazia rolar com ar indeciso entre a extrevidade do polegar e do indicador, como uma pequenina roda. De repente aquela mão encolheu-se como uma pantera e arredondando felizmente as costas, arremessou os unhas curvadas, a ficha de cem francos que ela segurava no meio do quadrado preto. Instantaneamente, como a um sinal, a agitação apoderou-se da mão esquerda que tinha ficado inerte: ergueu-se, correu, arrastou-se mesmo por assim dizer em direção à mão fraterna toda trêmula e a quem o seu gesto de lançamento parecia ter fatigado, e ambas ficaram então freneticamente, uma ao lado da outra. Ambas, semelhantes a dentes que no tremor da febre batem ligeiramente uns nos outros, batiam sobre a mesa com as suas articulações sem fazer barulho.

Naõ, nunca, nunca ali então, eu tinha visto mãos com uma expressão tão extraordinariamente loquaz, uma forma tão expressiva de agitação e tensão. Tudo mais que se passava sob aquele teto: o mormório que enchia os salões, os gritos ruidosos dos banqueiros, vo-vem das pessoas e da própria bola, que, longada de cima, saltava como uma possessa na sua gaivota redonda de chão envernizado, toda aquela multiplicidade de impressões, confundindo-se, sucedendo-se de mistura e obcecando os nervos com violência, tudo aquilo parecia-me de repente morto e inerte ao lado das duas mãos freneticamente, arquejantes, como que ejaculadas, dominadas pela expectativa, trêmulas e arrispadas, ao lado daquelas mãos inauditas que de qualquer modo me faziam vibrar, absorvendo toda a minha atenção.

Por sim, não pude mais resistir: era preciso que eu visse o homem, que visse o rosto a que pertenciam aquelas mãos mágicas, e ansiosamente, assim, com verdadeira ansiedade, porque aquelas mãos me faziam medo, meu olhar escorregou lentamente ao longo das mangas até aos ombros estreitos. E novamente tive um sobressalto de terror, porque aquele rosto salvo a mesma linguagem desenfreada e fantasticamente superexcitada que as mãos. Aquela rosto tinha ao mesmo tempo a mesma expressão de tenacidade terrível e a mesma beleza delicada e quase feminina. Nunca eu tinha visto um rosto como aquele, por assim dizer grudado sobre a criatura e quase separado desta para viver de uma vida própria, para engragar-se à exacerbada e mais completa, tinha ali uma excelente ocasião para examiná-lo à vontade, como se fosse uma máscara, como uma espécie de obra plástica sem olhar; porque aqueles olhos, aqueles olhos loucos não se voltavam nem para a direita nem para a esquerda, siker por um segundo. As pupilas rígidas e negras eram como bolas de vidro sem vida, sob as pálpebras dilatadas — como o reflexo brilhante daquela outra bola de acajá que rola, pulando loucamente e insolentemente na pequena caixa redonda da roleta.

A TECNICA DA

É estranho que a vida interior do homem tenha sido tão mediocremente estudada e tão pobemente tratada. Ainda não nos servimos da física para a alma e da alma para o mundo exterior.

NOVALIS.

Em raros pontos da superfície terrestre, o petróleo jorra das profundidades do subsolo, de um modo subito e inesperado; outros, o ouro brilha na areia dos rios; outros ainda, o carvão jaz à flor da terra. Mas a técnica humana não espera que esses acontecimentos excepcionais nos fiquem, aqui e ali, a graça de realizar-se. Não conta com o acaso: perfura o solo para ir buscar o precioso líquido, excava galerias nas entranhas da terra, e sujeita-se mesmo a abrir milhares de furos antes de atingir o mineral que busca. Da mesma forma uma ciência física ativa não pode contentar-se com uma ou outra confissão fortuita, e ainda por cima parcial, dessas que fornecem os sonhos e os atos falhados: para aproximar-se da verdadeira camada do inconsciente, também tem que recorrer a uma psicotécnica, a um trabalho em profundidade, e, por um esforço sistemático e sempre orientado para a meta, capaz de penetrar até o âmago da região subterrânea. Eis a que Freud chegou, tendo dado a seu método o nome de psicanálise.

Em nada se parece com nenhum dos métodos anteriores da medicina ou da psicologia. É completamente novo e autochthon, representa um processo independente de todos os outros, uma psicologia à parte de todas as outras, "subterrânea", se é lícita a expressão, e por isso mesma apelidada por Freud de psicologia abissal. O médico que quer aplicá-la serve-se de seus conhecimentos universitários numa medida tão insignificante, que a gente até chega a indagar se o psicanalista precisa mesmo de uma instrução médica especial; com efeito, após haver hesitado durante muito tempo, Freud admite a "análise leiga", isto é, o tratamento por médicos não diplomados. Porque o curador de almas no sentido freudista abandona as pesquisas anatômicas ao fisiológico; seu esforço só tende a tornar visível o que é invisível. Como não procura nada de palpável ou tangível, não necessita de nenhum instrumento; a poltrona em que está instalado representa todo o aparelhamento médico de sua terapêutica. A psicanálise evita qualquer intervenção tanto física como moral. Sua intenção não é "introduzir" no homem uma coisa nova, feita de medicamento, mas extrair dele algo que tem por dentro. Só o conhecimento ativo de si mesmo trás a cura no sentido psicanalítico; só quando o doente volta à sua personalidade, e não a uma banal fér curativa, que ele se torna senhor e dominador de sua doença. Assim, a operação não se faz de fora, mas realiza-se inteiramente no elemento psíquico do paciente.

O mérito só faz intervir neste gênero de tratamento sua experiência, vigilância e direção prudente. Não tem remédios já feitos como o prático: ao sítio decisivo em que começou o grave desvio. Para corrigir a codificação: é paulatinamente distilada da essência vital do enfermo. Quanto a este, só entra no tratamento o seu conflito. Mas em vez de trazê-lo clara e abertamente, apresenta-o sob os véus, as máscaras, as deformações mais estranhas e mais enganadoras, de sorte que, no inicio, a natureza da doença não é reconhecível nem por ele nem pelo médico. O que é nevroso deixa ver e confessa-se é um mero sintoma. Mas os sintomas, na vida psíquica, nunca mostram claramente a doença: ao contrário, dissimulam-na; pois, de acordo com a concepção, inteiramente nova, de Freud, as nevroses em si não tem o menor significado, mas todas tem uma causa distinta. O nevroso não sabe, não quer saber, ou não sabe conscientemente o que o perturba na verdade. Há vários anos, seu conflito interior se manifesta em tantos sintomas e atos forçados, que afinal chega a não saber mais em que é que ele consiste. E' então que o psicanalista intervém. Sua tarefa é ajudar o nevroso a decifrar o enigma de que ele mesmo é a solução. Procura com ele, no espejo dos sintomas, as formas típicas que provocaram o mal; pouco a pouco, ambos controlam retrospectivamente a vida psíquica do doente, até a revelação e o esclarecimento definitivo do conflito interior.

A princípio, essa técnica do tratamento psicanalítico faz pensar mais na criminologia que na medicina. Em todo nevroso, em todo neurasténico, segundo Freud, a unidade da personalidade foi quebrada; não se sabe quando nem como, e a primeira medida a tomar é informar-se o mais exatamente possível dos "fatos da causa": o lugar, o tempo e a forma desse acontecimento interior esquecido ou recalculado devem ser reconstruídos pela memória psíquica o mais exatamente possível. Mas desde esse primeiro passo, o processo psicanalítico encontra uma dificuldade que a jurisprudência não conhece. Porque, no psicanalista, o paciente, até certo ponto, representa tudo ao mesmo tempo. E' aquele em quem se perpetrou o crime, e é igualmente o criminoso. E' por seus sintomas, acusador e testemunha, e simultaneamente é ele quem dissimula e embaraça furtivamente os fatos. Nalguma parte, no mais recôndito de si mesmo, sabe o que se passou, e todavia não o sabe; o que dia dos motivos não é a causa; o que sabe, não o quer saber, e o que não sabe, conhece-o contudo de qualquer jeito. Mas, coisa ainda mais fantástica, esse processo não começou com a consulta do neurologista; na realidade, vem-se realizando há vários anos de modo ininterrupto, no paciente, sem jamais poder terminar. E o que a intervenção psicanalítica deve obter no término de seu trabalho é precisamente o fim desse processo; é portanto, sem ter noção exata disto, para chegar a essa solução, a esse desfecho, que o doente chama o médico.

Mas a psicanálise não procura, por uma fórmula rápida, arrancar imediatamente de seu conflito o nevroso, o homem que se transviou no labirinto da alma. Ao contrário, cuida de trazê-lo de novo, através do décalco das divagações de sua vida, ao sítio decisivo em que começou o grave desvio. Para corrigir a codificação:

Nunca, preciso repetir ainda, tinha eu visto uma fisionomia tão exaltada e tão fascinante.

Aquele rosto pertencia a um rapaz, de vinte e quatro anos, presunçoso, bem delineado, delicado, um pouco alongado e por isso tão expressivo. Tanto quanto as mãos, nada tinha de viril, parecendo mais pertencer a uma criança, jogando apaixonadamente.

(De 24 horas da Vida de uma Mulher)

falsa, par restar o fio, o tecido tem que tornar a colocar a máquina no ponto em que o fio se rompeu. Assim também, para renovar a continuidade da vida interior, o médico de alí deve inevitavelmente voltar ainda e sempre ao sítio em que se deu o rompimento: não adianta a precipitação, a intuição, a visão. Ja Schopenhauer, num domínio limitado, formulara a suposição de que se poderia conceber uma cura completa da demência, se se pudesse atingir o ponto em que se produziu o choque decisivo na imaginação; para compreender o encurtamento da flor, deve o pesquisador descer até as raízes, até o inconsciente. E é todo um labirinto subterrâneo, vasto e cheio de desvios, perigos e armadilhas que tem de percorrer. Assim como um cirurgião, no correr de uma operação, se torna tanto mais prudente e circunspecto quanto se aproxima da delicada textura dos nervos, a psicanálise tactica, com uma pensosa lenta-dão, através dessa matéria, supramamente suscetível de maguar-se, de uma camada de vida a outra mais profunda. Não dura o tratamento apenas dias ou semanas, mas sempre meses, e às vezes anos; cada terapeuta uma concentração de alma que a medicina até então nem sequer suspeitou e que, por sua força e duração, talvez só seja comparável aos exercícios de vontade dos jesuítas. Tudo nessa cura se faz sem anotações, sem o menor auxílio; o único meio para o qual se apela é a observação estendendo-se por um período de tempo bem vasto.

O doente fica num divan, de jeito que não veja o médico sentado detrás dele (isto para eliminar os entraves do pudor e da consciência), e fala. O que conta, porém, não se encanta, ao contrário do que geralmente se pensa; não é uma cantiléia. Visto pelo buraco da fechadura, esse tratamento ofereceria o espetáculo mais grotesco, porque durante meses e meses, aparentemente, nada se passa, a não ser esses dias monstros, um falando e o outro escutando. O psicanalista recomenda expressamente seu paciente que, no correr dessa narrativa, renuncie a qualquer reflexão consciente e não intervenha no processo em discussão como advogado, juiz ou acusador; não deve portanto querer nada, mas unicamente ceder, sem raciocínio, ante as ideias que lhe vêm involuntariamente ao espírito (porque essas ideias, precisamente, não lhe vêm do exterior, mas de dentro, do inconsciente). Não tem que procurar o que, na sua opinião, se relaciona com o caso, porque seu desequilíbrio psíquico testemunha justamente que ele não sabe o que é o seu "caso", sua doença. Se o soubesse, seria psiquicamente normal, não clararia para si mesmo rintomas e não teria necessidade de médico. Eis por que a psicanálise repele todos os relatórios preparados ou escritos, e só pede ao paciente que conte, sem preocupação de sequência, tudo o que lhe vem ao espírito como reminiscências psíquicas. O nevroso deve falar sem circunloquios, dizer tranquilamente tudo o que lhe passa no cérebro, de um jacto, sem ordem, mesmo o que não tem valor aparente, porque as ideias mal inesperadas, as mais espontâneas, que não foram procuradas, são as mais importantes para o médico. Este só se pode aproximar do essencial por meio dessas "minúcias subcúndidas". Falso ou verdadeiro, importante ou insignificante, sincero ou teatral, não importa: a principal tarefa do enfermo é contar muito, fornecer a maior quantidade possí-

PSICANÁLISE - Stefan Zweig

vel de material, de substância sitiva, feita do exterior, torna-se-lhe a um só tempo mais fácil e mais penosa sobretudo no inicio da cura, pela atitude afetiva quase inevitável do doente, que Freud chama "o transfér".

O neurosado, antes de procurar o clínico, arrastou por muito tempo, sem jamais se poder livrar dele, esse excesso de sentimento não vivido e não empregado. Transporta-o em dúzias de sintomas, representa diante de si mesmo, só os aspectos mais singulares, seu próprio conflito inconsciente, mas desde que encontra, pela primeira vez, na pessoa do psicanalista, um ouvinte atento e um parceiro profissional para essa espécie de jogo, atira-lhe imediatamente seu fardo como uma bola, tenta descarregar nele seus sentimentos não utilizados. Estabelece entre o médico e ele certas "relações", certas ligações afetivas intensas, odio ou amor, não importa. O que até então se agitava doidamente num mundo ilusório, sem jamais poder mostrar-se claramente, consegue fixar-se como numa chapa fotográfica. Só esse "transfér" era de fato a situação psicanalítica; o doente que não é capaz de ser considerado como ináptito para a cura. Porque o médico, para reconhecer o conflito, deve vê-lo desenrolar-se diante de seus olhos uma forma viva, emocional: o doente e o doutor devem viver em comum.

Essa comunidade no trabalho psicanalítico consiste, para o enfermo, em produzir, ou antes, reproduzir o conflito, e pa-

relo de material, de substância sitiva, feita do exterior, torna-se-lhe a um só tempo mais fácil e mais penosa sobretudo no inicio da cura, pela atitude afetiva quase inevitável do doente, que Freud chama "o transfér".

O neurosado, antes de procurar o clínico, arrastou por muito tempo, sem jamais se poder livrar dele, esse excesso de sentimento não vivido e não empregado. Transporta-o em dúzias de sintomas, representa diante de si mesmo, só os aspectos mais singulares, seu próprio conflito inconsciente, mas desde que encontra, pela primeira vez, na pessoa do psicanalista, um ouvinte atento e um parceiro profissional para essa espécie de jogo, atira-lhe imediatamente seu fardo como uma bola, tenta descarregar nele seus sentimentos não utilizados. Estabelece entre o médico e ele certas "relações", certas ligações afetivas intensas, odio ou amor, não importa. O que até então se agitava doidamente num mundo ilusório, sem jamais poder mostrar-se claramente, consegue fixar-se como numa chapa fotográfica. Só esse "transfér" era de fato a situação psicanalítica; o doente que não é capaz de ser considerado como ináptito para a cura. Porque o médico, para reconhecer o conflito, deve vê-lo desenrolar-se diante de seus olhos uma forma viva, emocional: o doente e o doutor devem viver em comum.

Essa comunidade no trabalho psicanalítico consiste, para o enfermo, em produzir, ou antes, reproduzir o conflito, e pa-

(Continua na página seguinte)

Efemérides da Academia

1º DE MARÇO

1922 — Faleceu em Stanjord, Cunha, o geólogo e professor John Casper Branner, correspondente desde 4 de julho de 1913.

2º DE MARÇO

1923 — Falecimento, em Petrópolis, de Rui Barbosa, 1884 — Falecimento de Bernardo Guimarães, patrono da cadeira n.º 5.

3º DE MARÇO

1938 — Falecimento de Gabriel d'Annunzio, correspondente desde 23 de junho de 1900.

10 DE MARÇO

1854 — Nascimento de Lucio de Mendonça, criador da cadeira n.º 11.

12 DE MARÇO

1814 — Falecimento do padre Antônio de Souza Cerdas, patrono da cadeira n.º 34.

14 DE MARÇO

1863 — Nascimento, em Pescara, Itália, do correspondente Gabriel d'Annunzio.

15 DE MARÇO

1847 — Nascimento de Castro Alves, patrono da cadeira n.º 7.

18 DE MARÇO

1930 — Eleição do sr. Guilherme de Almeida.

19 DE MARÇO

1830 — Nascimento em Sainte-Foy-la-Grande, França, de Eliseo Reclus, que foi correspondente.

A VIDA É DE CABEÇA BAIXA - Alvaro Moreyra

NEGRO

Em 1917, seu trabalho, fui ser redator da "Baia Ilustrada" de Anatólio Valadares. Ele era o avô de meus pais e dirigia o texto.

Fazia uma nota bem carinhosa sobre Góis Calmon. Diga que é uma figura impar. O mais voce deve saber.

Era ignorava, mas fazia.

Vinha depois um telegrama de Góis Calmon, gravando.

Resposta de Anatólio Valadares:

— Escrevi com o coração.

Mais os meus todos os figurões elogiados pela "Baia Ilustrada" eram impares. Mais ou menos, vinham depois telegramas de todos, gratíssimos. Mais em meios a resposta de Anatólio Valadares.

Escrevi com o coração.

Durou dois anos a "Baia Ilustrada". Parece que chegou a ganhar com ela uns duzentos mil reais.

LICAO

— A vida não é a escola da indulgência.

Falaram-me assim quando eu tinha vinte e cinco anos. Precisei de mais vinte e cinco para perceber.

ALCANTARA CARREIRA

Cheio de gestos, clamando sempre, entusiasmado, ultra sentimental. Um português que queria é no Brasil. Queria tanto bem, que veio morrer no Brasil. E era tão português, que foi fechar os olhos no consulado de seu país. Minutos antes, convivia de belos planos para aproximar mais a velha pátria da nova. Morreu de repente. Nem morreu de outro jeito. Alcântara Carreira fazia tudo de pressa.

A ILHA

Ela devia existir. Não se imagina em vão. Não se desvia em vão. A esperança tem sempre, na terra, no céu, no ar, um ponto de apoio. Devia existir a nossa ilha, a ilha do desencanto, para viver com as alergias abolidas nos continentes, para lembrar o tempo que perdeu o espaço e não encontrou a relatividade. A ilha existe! Chama-se Comacina. E no lago de Como, perto daquela Tremezzina bem amada de Stendhal. Pequena, com umas ruínas e tudo o seu. Está deserta há muitos séculos. Pertence a Augusto Giuseppe Caprani, que morreu em 1919 e a legou ao rei Alberto, da Bélgica. O rei Alberto ofereceu-a à Itália e peôu à Itália que ilha seja ali um outro mundo para os portos, os mares, os pintores. Não foi possível até agora. Sera um dia. O que importa é saber que a ilha existe. E a ilha existe.

UM AMIGO QUE EU PERDI

José Pimenta de Melo Filho foi meu patrono de

1918 a 1931. Aluguei-lhe a minha mocidade. Quando, por causa da revolução da Aliança Liberal, ele me mandou embora, com J. Carlos, disse que era meu amigo. Pois José! Quando via uma colha certa, fechava a cara, resmungava:

— Não está direito!

J. Carlos e eu nunca o enganamos, Despediu-nos por isso.

1913

Poi o último ano do século 19. Em seguida o século 20 inaugurou as suas alegrias. Em 1913, saíu uns dejetos românticos: ir à Europa, ver Bruges, morar em Paris... Sendo eu absolutamente do século 19, qualificado de "estúpido" pelo senhor Léon Daudet, — nunca mais voltei desta viagem.

CERTEZA

Se eu não tivesse sido o que fui, teria sido veitário...

DOIS CONTEMPORANEOS SEMELHANTES

Felipe d'Oliveira teve uma grande influência sobre a felicidade inicial de Ronald de Carvalho. Ronald de Carvalho teve uma grande influência sobre a última felicidade de Felipe d'Oliveira. Assim, de relance, surgiam iguais.

Felipe contou uma manhã na praia:

Os corpos húmidos desenrolam a ronda dos troncos harmoniosos, dos seios em ponta, das espáduas queimadas, das cores lisas, buscam-se, penetrando, à distância, atropelam-se nas jutas ásperas, sem perceber a rapaz corcunda, de mailot preto, anargo e imóvel, recuso, arqueando em G maiúsculo, que pensa, triste, a olhar de longe o atleta de comissão. Iverde.

— Se o mundo fosse de corcundas, eu de certo teria nascido como ele...

Ronald contou uma noite na praia:

Cheira a mar! cheira a mar! As redes pesadas batem como asas, as redes húmidas palpam no crepúsculo. A praia lisa é uma cintilância de escamas... Pulam raias negras no ouro da areia molhada, o ojo das linhas falsas em mão: de ébano e bronze. Músculos, barbutas, vozinhos e estrondos, tudo se mistura.

Cheira a mar! II. II. II. O oco da luta nova brinca na crista da onda. E entre as ondas moles e os peludos mariscos, onde se arrastam caranguejos de patas dentilhadas,

respondente Raúl Orlitzky. Obligado.

Eleito do sr. Gustavo Barroso.

Falecimento de Danilo Barreto.

3º DE MARÇO

1923 — Falecimento de Bernardo Guimarães, patrono da cadeira n.º 5.

1938 — Falecimento de Ramón Galvão.

10 DE MARÇO

1854 — Nascimento de Lucio de Mendonça, criador da cadeira n.º 11.

12 DE MARÇO

1863 — Nascimento, em Pescara, Itália, do correspondente Gabriel d'Annunzio.

14 DE MARÇO

1847 — Nascimento de Castro Alves, patrono da cadeira n.º 7.

15 DE MARÇO

1830 — Nascimento em Sainte-Foy-la-Grande, França, de Eliseo Reclus, que foi correspondente.

e onde bate o olho gelatinoso das lutas fierosas, dianas da rede imensa da noite carregada de estrelas, na livre melodia das águas e do espaço, entupido de ar, projétil, timpanico, toatura orgulhosa e o papo de um baiacé...

Dous contemporâneos semelhantes. Na aparição rápida. Depois se via que um era da vida, o outro dos livros. Felipe, o homem, "Lanterna Verde": "Pode passar", Ronald, o autor de "Toda a América"; os resultados da passagem. No poema de Felipe, tudo com ele sentiu. No poema de Ronald, tudo com ele aprendeu. Ronald compunha. Felipe traia. Semelhantes. Mas que diferentes!

INDUMENTARIA

Eu hoje vi um fraque. Não me acontecia isso há muito tempo.

A minha geração foi inimiga pessoal do fraque. Essa geração, aliás, sem nenhum intuito subversivo, deu os primeiros golpes na mancha nacional de vestir. Pôs fora a camisa de baixo e tirou a goma da camisa de cima. Instituiu o colarinho mole. Sintentizou as ceroulas nas cuecas. Abateu as botinas nos sapatos. Fez do colete uma exceção de circunstância. Todas as roupas, desde então, se tornaram simples, existindo apenas para a mudança não ser violenta de mais. Da minha geração veio o impulso que acabará com os chapéus e os fabricantes de ligas e gravatas. Também veio de lá a beleza das praias. Flávio de Carvalho, saldo dela, já possui o projeto da Cidade Homem N.º, clara influência dos homens que tiveram a coragem de revelar que, na verdade, este país é um país que.

Imaginei se seria possível agora uma coisa como a que Machado de Assis contou no capítulo III da "Faia Garela":

Estela recusou, mas o bachelat resolveu e a satisfazer ele próprio o desejo da moça. O pombo não ficava ao alcance da mão; era preciso trepar ao parapeito da varanda, crescer na ponta dos pés e estender o braço. Ainda assim, precisaria contar com a boa vontade dos pombozinhos.

Jorge trepou ao parapeito. Se perdesse o equilíbrio, poderia cair ao chão da chácara; para evitá-lo, Jorge lançou a mão esquerda a um ferro que havia na coluna do canto, e que o amparou; depois esticou o corpo e alcançou com a mão o pombo. Um dos pombozinhos ficou logo seguro; o outro, a princípio arisco, foi colhido devido de algum esforço. Estela recebeu-o; Jorge saltou no chão.

— A senhora dona Valéria, se disse isso, havia de rir, disse Estela.

— Grande façanha! respondeu Jorge sardinhado com o tongo as mãos e a sba do fraque.

A TÉCNICA DA PSICANÁLISE

(Continuação da página anterior)

gamente o fato de não sabê-la ou de não querer sabê-la, o que pode produzir esse desequilíbrio e essa perturbação. Mesmo nos momentos em que quer ser sincero, mante. Sob cada verdade que enuncia oculta-se uma outra, mais profunda, e quando confessa uma coisa, frequentemente é apenas para dissimular, detrás dessa confissão, um segredo ainda mais íntimo. O desejo de confessar e a vergonha de fazê-lo misturam-se e entrelaçam-se aqui misteriosamente; o doente, ao contar, ora se entrega e ora se reprime, e sua vontade de confessar é inevitavelmente interrompida pela inibição. Em todo homem existe algo, que se contraria como um músculo, quando um outro quer conhecer o que ele tem de mais recondito: toda psicanálise, portanto, é na verdade uma luta.

Mas o gênio de Freud sabe sempre fazer do mais encarniçado inimigo o melhor auxiliar. E' essa mesma resistência que, muitas vezes, trai a involuntária confissão. Para o observador de ouvido fino, o homem traí-se duplamente: no correr da palestra, primeiramente pelo que diz, e depois pelo que deixa passar em silêncio. E' precisamente quando o paciente quer, mas não pode falar, que a arte detective de Freud se exerce com mais certeza e adivinha a presença do mistério decisivo: a inibição, traçoeiramente, transforma-se em auxiliar e indica o caminho. Quando o paciente fala demais, alto ou demais baixo, quando hesita ou se apressa, é então que o inconsciente quer falar. E todas essas inúmeras resistências, essas retardamentos, essas leves hesitações, quando nos aproximamos de determinado complexo, mostram, enfim, nitidamente com a inibição a sua causa e conteúdo. Isto é, numa palavra, o conflito procurado e oculto.

Porque sempre, no correr de uma psicanálise, se cogita de relações infinitesimais, de músculos fragmentos de acontecimentos vividos, merce dos quais se compõe pouco a pouco o mosaico da imagem vital interior. Nada mais ingênuo que a idéia corrente adotada nos salões e cafés de que basta lançar no psicanalista, como num aparelho automático, sonhos e confidências, só-lo em movimento com algumas perguntas, e tirar imediatamente um diagnóstico.

Na realidade, toda cura psicanalítica é um processo for-

midavelmente complicado, que não tem de mecânico e bem sentimento, uma ligação tão extraordinária das substâncias espirituais mais preciosas, que só um ser predestinado, um ser tendo verdadeiramente vocação de psicólogo, é capaz de curar neste terreno. A Christian Science e o método de Cuse podem formatar simples mecânicos de seu sistema. Basta-lhes ensinar de cor algumas fórmulas para todo serviço: "Não há doença", "Sinto-me melhor todos os dias"; por meio dessas idéias grosseiras, as mãos mais duras martelam sem grande perigo as almas debilis, até que o pessimismo da doença seja totalmente destruído.

Apesar de se ocupar constantemente com pormenores, o psicanalista só vira, todavia, o todo, a reconstrução da personalidade: ele por que, numa análise verdadeira, a gente nunca se pode deter num complexo isolado; de cada vez, é preciso reconstruir, partindo dos alicerceis, toda a vida psíquica do indivíduo.

A primeira qualidade que esse método exige é portanto a paciência, aliada a uma atenção permanente — sem ser obsessivamente aparelhada — do espírito; sem demonstrá-lo, o médico deve reparar a sua atenção imparcialmente e sem preconceitos, entre as palavras e o silêncio do paciente, auscultando, alem disso, os matizes de sua narrativa.

Em cada vez, deve confrontar os depoimentos da sessão com os de todas as sessões anteriores, para observar quais os episódios que o interlocutor repete mais frequentemente e em que pontas a narração se contradiz, mas sem trair jamais pela vigilância o fim de sua curiosidade. Porque desde que o doente freme que o espionam, perde a espontaneidade — que só ela traz esses breves lampejos fosforescentes do inconsciente, à luz dos quais o médico reconhece os contornos da paisagem dessa alma estranha.

Mas também não deve importar ao doente sua própria interpretação, pois o sentido da psicanálise é precisamente obrigar a auto-compreensão do enfermo a se desenvolver. O caso ideal de cura só se produz quando o paciente reconhece, enfim, por si mesmo, a inutilidade de suas demonstrações nervosas e já não dispõe suas energias afetivas em sonhos e delírios, limitando-se a traduzi-las em atos raias. Só então o analista acabou com a doença.

Mas quantas vezes — espinhos perguntam! — a psicanálise chega a uma ação tão perfeita? Tenho um grande receio de que tal coisa não se dê muitas vezes. Porque sua arte de interrogar e escutar exige um tal ouvido do cora-

ção, uma tal clarividência do que o mais consciente estuda da psicoterapeuta faz tão pouco o verdadeiro psicólogo como o conhecimento da verificação faz o poeta; ela por que ninguém, a não ser o psicólogo-nato, o homem dotado do poder de penetrar a alma humana, deveria ser admitido a tocar esse "órgão", que é o mais fino, o mais subtil e mais delicado de todos. A gente estremece ao pensar no perigo que se poderia tornar, em mãos grosseiras, o método inquisitório da psicanálise, que o cérebro criador de Freud engendrou na mais alta conciência de sua extrema delicadeza. Na vida, provavelmente, prejudicaria tanto a reputação da psicanálise como o fato de não se ter conservado na condição de apêndice de uma élite, de uma aristocracia de almas, e de ter querido sustentar nas escolas o que não se aprende. Porque a passagem precipitada e incompleta, de mão em mão, de várias idéias suas não as escala precisamente e, muito ao contrário, o que hoje, no Velho e mais ainda no Novo Mundo, se faz passar por psicanálise de amador ou profissional, não passa muitas vezes de uma triste paródia da obra primativa de Sigmundo Freud, baseada na paciência e no gênio.

Aquele que quiser julgar imparcialmente deverá constatar que, por causa dessas análises de amadores, a gente não pode, na hora atual, aquilatar honestamente os resultados da psicanálise; depois da intervenção de dilettantes duvidosos, poderá ela firmar-se jamais com a validade absoluta de um método clínico exato? Não é a nós que cabe decidir este ponto; e sim no futuro.

A técnica psicanalítica de Freud, só isso é certo, está destinada a representar a última palavra no domínio da medicina psíquica. Mas guarda para todo o sempre a glória de ter aberto um livro que por muito tempo esteve lacrado, de representar a primeira tentativa metodológica que se fez com a intenção de compreender e curar o indivíduo com as matérias oriundas de sua própria personalidade. Cem o seu instinto genial, Freud foi o único a denunciar o "vazio" da medicina moderna, o fato inconcebível de que há muito tempo se haviam descoberto tratamentos para as partes menos importantes do corpo humano — tratamento dos dentes, da pele, dos cabelos, — de passo que só as doenças da alma ainda não tinham encontrado o menor refúgio na ciência. Até a idade adulta, os pedagogos ajudavam o indivíduo incompletamente desenvolvido e depois o abandonavam, com a indiferença, a si mesmo. E esqueciam-se totalmente o que na escola não tinham acabado junto com os outros, não tinham terminado o curso e arrastavam, impotentes, os seus conflitos através da vida.

Para esses nevrosados, esses psicopatas, esses atraçados da alma, aprisionados no mundo de seus instintos, não havia consultórios; a alma enferma desambulava sem apoio pelas ruas, procurando inutilmente uma assistência.

Freud remediou esta lacuna. O lugar em que, nos tempos antigos, reinava poderosamente o curador das almas e o mestre da sabedoria, ele designou-o a uma ciência nova e moderna, cujos limites ainda não se vêem. Mas a tarefa está magnificamente delineada, a porta está aberta. E lá onde o espírito humano fareja o espaço e as profundidades inexploradas, não mais repousa, mas alça o seu exório e desdobra as asas incansáveis.

que o mais consciente estuda da psicoterapeuta faz tão pouco o verdadeiro psicólogo como o conhecimento da verificação faz o poeta; ela por que ninguém, a não ser o psicólogo-nato, o homem dotado do poder de penetrar a alma humana, deveria ser admitido a tocar esse "órgão", que é o mais fino, o mais subtil e mais delicado de todos. A gente estremece ao pensar no perigo que se poderia tornar, em mãos grosseiras, o método inquisitório da psicanálise, que o cérebro criador de Freud engendrou na mais alta conciência de sua extrema delicadeza. Na vida, provavelmente, prejudicaria tanto a reputação da psicanálise como o fato de não se ter conservado na condição de apêndice de uma élite, de uma aristocracia de almas, e de ter querido sustentar nas escolas o que não se aprende. Porque a passagem precipitada e incompleta, de mão em mão, de várias idéias suas não as escala precisamente e, muito ao contrário, o que hoje, no Velho e mais ainda no Novo Mundo, se faz passar por psicanálise de amador ou profissional, não passa muitas vezes de uma triste paródia da obra primativa de Sigmundo Freud, baseada na paciência e no gênio.

Alfredo d'Escagnolle Tannay, o admirável romancista de "Invenção", o cronista comodão da "Retirada da Laguna". Em 22 de fevereiro passou o 99.º aniversário de seu nascimento.



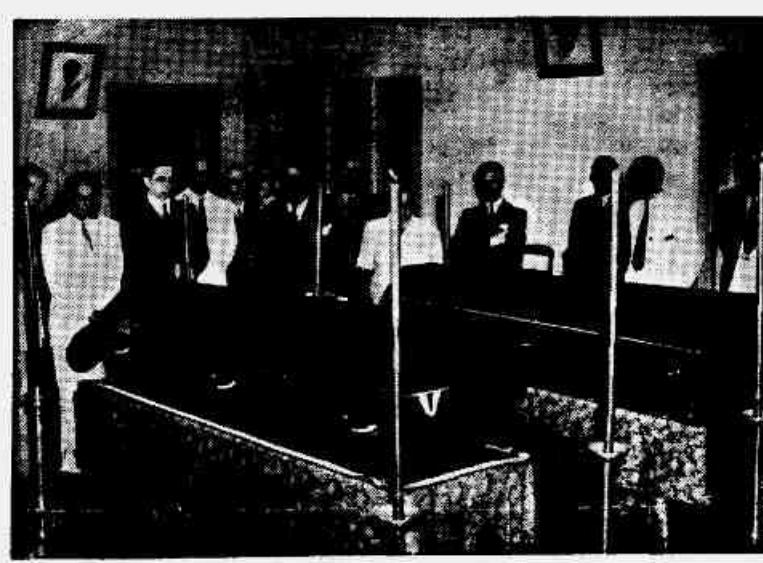
O escultor Januário da Cunha, autor de uma das figuras monumentais do drama da Independência brasileira. Nasceu em 1799 e morreu em 22 de fevereiro de 1886.



Juan Antonio Rios, nascido em Canete, Chile, em 1888. Foi o vice-presidente daquela República, depois no posto de 1.º de Junho, passado.



Vargas Neto, o encantador poeta de "Gado Chucro" e "Trópico Chico". Foi eleito presidente da Federação Metropolitana de Futebol, dessa capital.



No velório, em Petrópolis. Os caixões em que dormem Stefan Zweig e a esposa, cercados dos amigos

(Do "Freud").

Galeria de nomes ilustres